

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

Marta Sabrina da Silva

Mulheres e Relações de Gênero no campo: uma análise da temática nas monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC

Florianópolis
2021

Marta Sabrina da Silva

Mulheres e Relações de Gênero no campo: uma análise da temática nas monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Educação do Campo do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo – área de Ciências da Natureza e Matemática
Orientadora: Prof^a Dr^a. Adriana Angelita da Conceição

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Marta Sabrina da
Mulheres e Relações de Gênero no campo: : uma análise
da temática nas monografias de conclusão de curso da
Educampo/UPSC / Marta Sabrina da Silva ; orientador,
Adriana Angelita da Conceição, 2021.
95 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. 2. Educação do Campo; Relações de
Gênero; Mulheres do Campo; Ensino Superior. . I. Conceição,
Adriana Angelita da . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Marta Sabrina da Silva

Mulheres e Relações de Gênero no campo: uma análise da temática nas monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática”. E aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Florianópolis, 30 de setembro de 2021.

Prof^a Carolina Orquiza Cherfem, Dr^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof Adriana Angelita da Conceição, Dr^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Beatriz Bittencourt Collere Hanff, Dr^a
Avaliadora – Titular
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Patricia Guerrero, Dr^a
Avaliadora – Titular
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Thaise Costa Guzzatti, Dr^a
Avaliadora – Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os seres de luz que emanaram energia para eu chegar até este ponto.

Agradeço aos meus pais, que me trouxeram a este mundo e com seus ensinamentos, me transformaram em uma pessoa de bem, especialmente minha querida mãe, que com toda sua garra, exemplo e determinação, me ensinou a ser uma mulher forte.

A minha irmã Daniela por estar sempre comigo, por me levar e buscar nos dias de aula, e ajudar financeiramente, quando necessário.

A Dona Anita Pereira, que me avisou sobre o vestibular para o curso de Educação do Campo, me proporcionando a oportunidade de ingressar em um curso superior.

As minhas colegas de cursos e amigas para a vida toda, Fabiana, Eduarda, Josimeri, Tatieli e Izamara, que sempre estiveram comigo, em todas as situações. A todos os meus colegas de curso, pela oportunidade de compartilhar essa trajetória com vocês.

Aos professores, por compartilharem seu conhecimento com carinho e paciência.

A minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Adriana, por ter abraçado esse trabalho, por toda paciência, dedicação e por respeitar o meu tempo, você me inspira.

Aos meus filhos, Emily, Vitor e Ayla, por compreenderem a minha ausência, em alguns momentos, por serem minha força, meu refúgio e minha paz.

A UFSC e ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, por todas as oportunidades de conhecimento durante esses anos.

A mim mesma, por persistir, mesmo em meio a tantas dificuldades.

E por fim, agradeço a todos que de modo direto ou indireto, estiveram comigo durante a minha trajetória de vida e acadêmica. Muito Obrigada.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres, que apesar das adversidades e de todo esse sistema capitalista patriarcal que as exclui e desvaloriza, continuam firmes na luta por uma sociedade com mais equidade, tanto de gênero quanto de outras esferas sociais, para que não desistem de seus ideais e continuem conquistando direitos e inspirando outras mulheres. Graças a elas é que eu, uma mulher do campo, separada, mãe de três filhos tive a oportunidade de ingressar em uma universidade e permanecer nela.

SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM

Adriana Novais

*Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.
Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.
Jamais transariam sem vontade.
Se um dia as mulheres se enfurecessem
não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.
Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.
Em fúria não usariam roupas desconfortáveis
em nome da aparência.
Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.
Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.
Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.
Em fúria não seria escrava em sua própria casa.
Se um dia as mulheres se enfurecessem,
calariam a boca dos padres e dos pastores
que pregam os dever da sua submissão.
Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas,
no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos
dentro das suas casas.
Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem
e os filhos a não estuprarem.
Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem,
esrachariam todos os companheiros de luta,
dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo
disfarçado no discurso revolucionário.
Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão
contra a misoginia e o racismo.
Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas,
de todos os lugares, de todas as etnias,
esmagariam todas as correntes da sua opressão.
Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade*

(Livro Versando Rebeldia, 2016, p.55)

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso realizou um estudo quantitativo e analítico dos Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos no curso de Licenciatura em Educação do Campo (Educampo) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, até o segundo semestre do ano de 2020, reunindo uma amostra de 81 monografias que estão disponíveis on-line, defendidas no período de 2013 a 2020/2. O referido estudo deu ênfase às monografias que abordaram a temática feminina, das mulheres do campo e das relações de gênero, de modo direto e indireto, somando oito monografias com a temática central da pesquisa. A pesquisa problematizou as seguintes questões: a historicidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo, em contexto nacional e a efetivação do curso na UFSC, a organização do currículo da Educampo/UFSC em relação à temática; a relevância da temática no universo total de TCCs defendidos até 2020/2, os debates sobre as mulheres do campo na bibliografia de referência, bem como, a minha história como mulher que se percebe como sujeita do/no campo. Para tanto foi realizada, primeiramente, uma coleta e sistematização de dados referentes aos TCCs. Em seguida, uma revisão bibliográfica em relação a temática das mulheres, especialmente mulheres do campo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as autoras das monografias que abordaram o tema referência desta investigação. Como resultados, apresentamos uma análise sobre as problematizações trazidas pela pesquisa, com destaque para as falas das egressas que defenderam monografias com a temática das mulheres e suas relações com a temática da mulher do campo, bem como, considerações sobre o acesso das mulheres à educação superior e a perspectiva de crescimento pessoal e profissional.

Palavras-chave: Educação do Campo; Relações de Gênero; Mulheres do Campo; Ensino Superior.

ABSTRACT

This course completion monograph realized a quantitative and analytical study of the Course Conclusion Papers defended in the Licentiate Course in Rural Education (Educamp) at the Federal University of Santa Catarina - UFSC, until the second half of 2020, bringing together a sample of 81 monographs that are available online, defended in the period from 2013 to 2020/2. This study emphasized the monographs that addressed the female theme, countryside women and gender relations, directly and indirectly, adding eight monographs with the central theme of the research. The research problematized the following issues: the historicity of the Licentiate Course in Rural Education, in a national context and the effectiveness of the course at UFSC, the organization of the curriculum at Educamp/UFSC in relation to the theme; the relevance of the theme in the total universe of TCCs defended until 2020/2, the debates about rural women in the reference bibliography, as well as my history as a woman who perceives herself as a subject of/in the countryside. For that, first, a collection and systematization of data regarding the TCCs was carried out. Then, a bibliographical review in relation to the theme of women, especially countryside women. Semi-structured interviews were carried out with the authors of the monographs that addressed the reference theme of this investigation. As a result, we present an analysis of the issues raised by the research, highlighting the speeches of the graduates who defended monographs with the theme of women and their relations with the theme of countryside women, as well as considerations on women's access to higher education and the perspective of personal and professional growth.

Key words: Rural Education; Gender Relations; Countryside Women; Higher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação Gráfica – Eixos Integradores e Perfil de Formação

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CED – Centro de Ciências da Educação

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares

EDC – Departamento de Educação do Campo – CED/UFSC

EDUCAMPO – Curso de Licenciatura em Educação do Campo - UFSC

ENERA - Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MMC - Movimento das Mulheres Camponesas

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

MST - Movimento Sem Terra

PPC - Projeto Pedagógico do Curso

Procampo - Programa de Apoio à Formação Superior em Educação do Campo

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB - Universidade de Brasília

UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNEFAB - União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Categorias Temáticas presentes nos tccs da Educampo/UFSC dentro da amostra.

Anexo 2: Monografias que abordam as temáticas mulher do campo e relações de gênero

Anexo 3: Programa de Ensino Disciplina EDC 1468 - Aprofundamento Temático II - Gênero

Anexo 4: Programa de Ensino Disciplina EDC 1471 - Aprofundamento Temático V - Gênero

Anexo 5: Programa de Ensino Disciplina EDC 1442 - Sujeitos do Campo

Anexo 6: Programa de Ensino Disciplina EDC 1420 - Infância e Juventude no e do Campo I

Anexo 7: Programa de Ensino Disciplina EDC 1421 - Infância e Juventude no e do Campo II

Anexo 8: Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CAPÍTULO 1 –EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM CONTEXTO NACIONAL E NA UFSC	26
2.1	Educação do Campo em contexto nacional	26
2.2	Educampo – UFSC: algumas considerações sobre a constituição do curso e sua matriz curricular	30
2.3	A matriz curricular: algumas questões sobre a temática das mulheres do campo	35
3	CAPÍTULO 2: AS MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO DA EDUCAMPO/UFSC: ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES	41
3.1	As monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC: análise geral.	41
3.2	As monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC: as mulheres do campo e as relações de gênero em análise	46
4	CAPÍTULO 3- AS MULHERES DO CAMPO EM ANÁLISE: CONVERSAS E ANÁLISES COM AS EGRESSAS DA EDUCAMPO-UFSC	52
4.1	Diálogos possíveis: as egressas falando	52
4.2	Análises possíveis: as mulheres do campo e as relações de gênero.....	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	BIBLIOGRAFIA	78
	ANEXO 1: Categorias Temáticas presentes nos tccs da Educampo/UFSC até o semestre 2020/2	82
	ANEXO 2: Monografias que abordam a temática mulher do campo	85
	ANEXO 3: Programa de Ensino Aprofundamento Temático II	83
	ANEXO 4: Programa de Ensino Aprofundamento Temático V	86
	ANEXO 5: Programa de Ensino Sujeitos do Campo	89
	ANEXO 6: Programa de Ensino Infância e Juventude no e do Campo I	92
	ANEXO 7: Programa de Ensino Infância e Juventude no e do Campo II	95
	ANEXO 8: Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	98

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia de conclusão de curso realizou um estudo quantitativo e analítico dos Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos no curso de Licenciatura em Educação do Campo (Educampo) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Deste modo, o período de análise foi do início do curso em 2009 até o segundo semestre do ano de 2020. A pesquisa que desenvolvemos enfatizou as monografias que abordaram a temática das mulheres do campo e das relações de gênero, considerando as abordagens diretas e indiretas. A pesquisa problematizou as seguintes questões: a historicidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo, em contexto nacional e a efetivação do curso na UFSC, a organização do currículo da Educampo/UFSC em relação à temática; a relevância da temática no universo total de TCCs defendidos até 2020/2, os debates sobre as mulheres do campo na bibliografia de referência, bem como, a minha história como mulher que se percebe como uma pessoa do/no campo.

A pesquisa empírica foi iniciada por meio da coleta e sistematização de dados referentes aos TCCs, através do repositório institucional do curso no site da Biblioteca Universitária, assim como, no *site* do curso – local onde também constam monografias arquivadas. Os dados sistematizados foram colocados em diálogo com a revisão bibliográfica em relação à temática das mulheres, especialmente mulheres do campo. Dando sequência à investigação, realizamos entrevistas semiestruturadas com as autoras das monografias que abordaram o tema referência.

Além da sistematização e coleta de dados sobre os egressos do curso e os TCCs, para a realização desse trabalho foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conforme indicamos acima, com roteiro pré-elaborado, com nove perguntas, que serviram para dar um direcionamento ao tema proposto. Contudo no decorrer de algumas entrevistas foi necessário retirar uma ou outra pergunta, que nas respostas anteriores já havia ficado esclarecido. Bem como em outras, houve a necessidade de complementar alguns pontos para ampliar o entendimento. Todas as entrevistas foram realizadas via redes sociais, *Whatsapp*, por chamada de voz ou vídeo. A análise das entrevistas foi realizada, apontando pontos de divergência e convergência entre as falas das autoras dos trabalhos, bem como a importância do curso na trajetória acadêmica e pessoal delas.

Historicamente, as mulheres foram e são invisibilizadas na sociedade patriarcal¹. Esse padrão de pensamento ideológico e ação, subjuga e inferioriza as mulheres quanto ao seu papel como sujeito social atuante que pensa, trabalha, estuda. Nesse contexto, cada direito conquistado, foi objeto de muita luta e resistência por parte de mulheres que não se calaram, não aceitaram ser submissas e se reconheceram como sujeitos políticos dessa construção histórica. Deste modo, afirmamos, em diálogo com o Movimento de Mulheres Camponesas:

Quando oriundo de um contexto de luta pela emancipação humana e social, o papel da mulher tem sido fundamental para o avanço não só das relações compreendidas entre o masculino e o feminino, mas, sobretudo, para a transformação da sociedade patriarcal, capitalista e neoliberal, sinalizando para as possibilidades reais contidas no sonho por um mundo mais justo, igualitário e digno (Vanderléia L. P. Daron Zenaide Collet (Org.) Movimento de Mulheres Camponesas, 2008, p. 7).

A luta das mulheres por equidade, principalmente as que estão diretamente ligadas a movimentos sociais, fizeram e continuam fazendo uma grande diferença na vida de todas as outras mulheres. As mudanças sociais alcançadas devido à reivindicação e luta de algumas trouxe consigo uma melhoria de vida para todas, especialmente aquelas mais marginalizadas perante a sociedade, entre essas as mulheres camponesas.

As relações de gênero são observadas em todos os contextos sociais, mas um em especial ainda se observa mais claramente a desigualdade de tratamento entre homens e mulheres, esse local é o campo, conforme enfatiza o documento do Movimento de Mulheres Camponesas:

Ressaltamos o papel e a importância das mulheres em todo o histórico da agricultura no mundo desde sua origem e na atualidade; identificando a reprodução de relações patriarcais e machistas na família e nas comunidades camponesas, as quais invisibilizam, negam e inferiorizam o trabalho da mulher camponesa, o conhecimento delas, sobrecarregam com os trabalhos domésticos e praticam as diversas formas de violência contra as mulheres. [...] (Movimento de Mulheres Camponesas, 2018 p.12)

¹ O conceito de sociedade patriarcal é amplo e complexo, nesta monografia pontuamos a definição apresentada por José Maria Tardin, no Dicionário de Educação do Campo: “Outro traço geral das culturas camponesas advém do patriarcalismo constitutivo do paradigma historicamente hegemônico nas diferentes sociedades. É notória a supremacia do homem na hierarquia familiar e nas representações no espaço público. A divisão do trabalho segue tradicionalmente uma base sexual que em geral sobrecarrega a mulher; por isso, ela, ademais de cumprir com toda a gama de trabalhos de manutenção e cuidado da família no âmbito domiciliar, também executa um conjunto de trabalhos na produção agropecuária. TARDIN, José Maria. Cultura camponesa. In: CALDART, Roseli Salete; et. al. (orgs). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 184.

De acordo com distintas pesquisas sobre as mulheres do campo e que estamos citando nesta monografia, é neste espaço social e cultural o contexto em que mais são mascaradas as violências contra a mulher e onde ficam mais explícitos certos preconceitos no que se refere ao que seria o papel de uma mulher perante a sociedade. Portanto, as lutas e a resistência de algumas mulheres nesse espaço são de extrema importância para uma mudança nessa história socialmente construída. Muitos dos enfrentamentos estão vinculados às estruturas patriarcais:

O patriarcalismo na vida rural brasileira foi responsável pela continuidade do estereótipo das representações sobre o feminino que a cultura familiar europeia tinha na época. No Brasil Colônia, o comportamento da mulher variava conforme a classe social ou o grupo étnico. As mulheres indígenas, negras e mestiças trabalhavam arduamente e, nas classes mais elitizadas, “nem todas as mulheres eram confinadas à esfera privada do lar e excluídas da esfera pública, entregue aos homens, como nos casos das viúvas que até administravam fazendas”.

Para Mary Del Priore, “o casamento como mecanismo de ordenamento social, e a família, como palco para uma revolução silenciosa de comportamento, fechavam-se em torno da mulher, impondo-lhe apenas - e lentamente - o papel de mãe devotada e recolhida. (DEL PRIORE, 1993, p. 43 apud TEDESCHI, 1993, p. 440-441).

Segundo o autor Losandro Antonio Tedeschi, no Brasil colonial, a classe social em que a mulher pertencia lhe permitia uma diferenciação de tratamento quanto ao trabalho que seria desenvolvido por ela, porém não lhe permitia “desviar” do que acreditava que fosse o seu dever na sociedade, mãe e dona de casa, submissa ao marido e responsável pela educação dos filhos. Todo comportamento que estava fora desse padrão, era considerado no mínimo inadequado. Isso acontece, do que se tem conhecimento, com mais intensidade no período histórico conhecido como Brasil colônia e arrasta-se até os dias atuais estando relacionado à religião e às normas ditas “corretas” para uma mulher seguir.

O que se reproduz no Brasil pela estrutura familiar são práticas sociais ancoradas nas representações sobre a maternidade e a domesticidade. A estrutura familiar camponesa brasileira não pode ser imaginada sem a figura da mãe protetora, acolhedora, dócil, que está sempre pronta para o refúgio dos filhos, reproduzindo a figura feminina criada pela moral católica. Desta forma, a imagem da mulher veiculada pela Igreja foi o fator determinante para a implantação dos modelos de representação e de identidade feminina a serem seguidos pelas mulheres. São construções sociais, em que a religião assume um papel particularmente importante, devido ao seu poder de dar sentido à vida. Por isso, sua ação foi fundamental na perpetuação de desigualdades associadas ao gênero e “a par de um discurso histórico factual, foi-se desenvolvendo uma argumentação teológica de suporte deste processo”. (KRISTEVA, CLEMENT 2001. p. 29 apud TEDESCHI, 2013, p 444)

Não é culpa do homem, apesar de estar personificado na sua figura, essa relação de poder de um sobre outro, porém de uma sociedade que historicamente mostra que, certos grupos sociais, têm mais poder que outros. Isso não ocorre somente nas relações de gênero, mas em diversas outras esferas sociais. Neste sentido, precisamos agir para a desnaturalização dos papéis sociais e políticos, culturalmente impostos, que cada ser ocupa na sociedade, ou seja, é preciso problematizar no tempo e no espaço os papéis sociais que os indivíduos ocupam.

Para as mulheres camponesas, essa construção social historicamente imposta, tem como agravamento a dupla ou tripla jornada de trabalho, sem reconhecimento, ou seja, cumprem com o que seria o seu dever, ser mãe, esposa e dona de casa e realizam atividades na propriedade, o que, na maioria, não é visto como trabalho e sim como uma “ajuda” ao marido.

A divisão sexual do trabalho criou estereótipos, reforçados pelo patriarcado e o capitalismo, de que mulheres são inferiores física e intelectualmente. Nascer mulher no campo é ter quase sempre um destino de submissão às ideias da família e do marido, a presença da religião nesse contexto muitas vezes acaba reforçando certas ideias, pois segundo Lucila Scavone (2008), “O catolicismo tradicional sustentava a posição reinante: separação das duas esferas (por gêneros) e mantinha-se irredutível em relação às questões da reprodução e da sexualidade”. Com isso, é pertinente trazer as reflexões de Luana Passos de Sousa e Dyeggo Rocha Guedes:

A ordem capitalista e patriarcal na qual vivemos separa e hierarquiza a produção e a reprodução, destinando aos homens a esfera produtiva, na qual estão as funções de forte valor social, e, às mulheres, a esfera reprodutiva, na qual são realizados os trabalhos domésticos e de cuidado. Essa divisão desempenha um papel central na manutenção das desigualdades nas relações sociais entre os sexos, ao mesmo tempo em que legitima socialmente a desvalorização do trabalho remunerado das mulheres, mantendo invisível a contribuição do trabalho doméstico e não remunerado delas para a produção de riqueza. (SOUSA, GUEDES, 2010, p. 18)

Com a revolução industrial muitas mulheres nos espaços urbanos, mas também em contextos rurais, foram inseridas no trabalho remunerado. Essa inserção feminina foi o resultado da estagnação populacional, o que fez com que a mão de obra feminina fosse requisitada para aumentar a renda familiar, em especial, nos contextos das demandas da revolução industrial e suas consequências. Contudo, mesmo trabalhando com remuneração, para as mulheres a desigualdade de gênero não diminuiu e nem se observou reconhecimento e valorização das jornadas triplas assumidas pelas mulheres.

Pelo contrário, em muitos espaços, mesmo com atividades semelhantes, as mulheres são menos remuneradas. Para compreendermos melhor essas questões, as reflexões de Sousa e Guedes sobre os espaços públicos e privados de ocupação social do trabalho das mulheres é relevante:

O relaxamento das fronteiras entre o mundo produtivo (homens) e reprodutivo (mulheres) tem contribuído com a possibilidade de as mulheres participarem do mundo produtivo, mas não reveste o afastamento dos homens do mundo doméstico. Acontece que, através desse fenômeno, o adensamento das mulheres nas fronteiras públicas não é acompanhado de uma revisão dos limites das responsabilidades privadas femininas. Isso significa que a esfera de reprodução da família como educação e demais cuidados continua, em grande medida, a cargo das mulheres. (SOUSA, GUEDES, 2016, p. 123)

Para a maioria das mulheres camponesas, mesmo desempenhando, muitas vezes, mais atividades que o marido, ela não é remunerada, quem recebe os lucros e faz o controle da renda familiar é o marido. E em relação às atividades domésticas, na sua grande maioria, continua a ser ela a responsável por todas as tarefas, sem divisão com os demais membros da família. O que Losandro Antonio Tedeschi apresenta com clareza:

Para a história rural, a consequência da produção da roça ser responsável pelo consumo familiar e por oposição às atividades desempenhadas no âmbito da casa foi a desvalorização de uma das atividades. Nesse contexto, a partir da formação de uma nova prática cultural e social com a vinda dos imigrantes, os papéis do homem e da mulher no meio rural passaram a ganhar reforços e diferenças. A responsabilidade sobre o sustento da casa, o consumo familiar, pertencia ao pequeno agricultor, na qualidade de pai de família, sendo responsável pela produção na roça. Sob esta ótica, os filhos e a esposa, mesmo desempenhando as mesmas atividades, passaram a prestar-lhe apenas uma “ajuda”. (TEDESCHI, 2013, p. 446)

Essa relação de dependência acabou sendo enraizada pelas sociedades ocidentais. A divisão sexual do trabalho, na agricultura, com raras exceções, reproduz o que culturalmente foi estabelecido, independente do grau de conscientização ou luta das agricultoras. Desse modo, o ciclo vai se repetindo e as mulheres continuam seguindo um padrão que as desvaloriza e as exclui das discussões referentes às principais decisões familiares e da propriedade. Conforme indica Tedeschi a

(...) dupla jornada do trabalho feminino na roça se manifestou na história através de um conjunto de representações sociais que estabeleceram esse discurso como legítimo, fazendo com que, em sua imensa maioria, as mulheres acabem interiorizando e incorporando, por meio de um processo sutil, o “consentimento”, e estabeleçam uma cumplicidade com o poder masculino. (TEDESCHI, 2013, p. 447)

Essa invisibilização do trabalho da mulher camponesa pela sociedade patriarcal e capitalista traz consigo a falsa impressão que é algo que não gera lucros. Contudo, o trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas é de extrema importância

econômica para a propriedade, porém, por não participar das decisões que envolvem a renda familiar, é desconsiderado. Desconsiderando ainda o valor do trabalho que não é monetarizado, mas de indiscutível importância social, cultural e emocional.

Essa desvalorização e falta de reconhecimento é o um dos pontos observados para perceber e entender a opção de muitas jovens pela saída do contexto rural, pois veem nas gerações mais antigas um modelo de vida que não desejam para si. Muitas mães agricultoras incentivam suas filhas a seguirem outro caminho, fora do contexto rural, pois desejam um futuro diferente para elas, além de tudo, também têm consciência de que o trabalho é desgastante e pesado. No entanto, as oportunidades de estudo e trabalho fora do contexto do campo, também demanda uma condição social que o permita, para Tedeschi:

As jovens no campo querem trabalhar em um espaço onde se sintam capacitadas e valorizadas e que obtenham uma remuneração justa. A própria formação das mulheres jovens no campo tem favorecido a emigração, posto que raras vezes há um processo de orientação de desenvolvimento local dirigido a elas, e o que vemos são as mães incentivando suas filhas a saírem do campo, dos assentamentos rurais, em busca de melhores condições de vida. (TEDESCHI, 2013, p. 453)

Embora estejamos ainda vivendo, dentro da estrutura social capitalista e de opressão, temos um aumento das discussões sobre gênero o que tem proporcionado um aumento na consciência de classe das jovens que não desejam fazer parte de uma história de abuso, exclusão e invisibilização da sua participação como sujeito político atuante, com vez e voz para debater sobre diversos assuntos, nos espaços sociais. Com as discussões feministas cada vez mais presentes, em especial nos espaços educacionais, muitas mulheres têm ousado contestar, não aceitando a subjugação. Portanto, os espaços educacionais têm ocupado um papel relevante para fomentar debates e ações por relações de gênero igualitárias. Neste contexto, inserem-se as licenciaturas em Educação do Campo, conforme apontam os estudos de Carolina Orquiza Churfem e Inara Fonseca:

Desse modo, a licenciatura em Educação do Campo da UFSC articula as categorias de classe, raça/etnia e gênero no campo, numa perspectiva em que os sujeitos do campo passam a ter acesso ao conhecimento científico que, relacionado aos saberes populares e às suas trajetórias de vida no campo, possibilitam a conscientização de sua existência como trabalhadoras e trabalhadores do campo, fortalecendo, assim, as suas lutas pelo acesso à terra e pela construção da agroecologia em seus contextos de trabalho e vida. (FONSECA, CHERFEM, 2020, p.2)

Partindo desse ponto, percebemos a importância na introdução da questão de gênero nos espaços educacionais, isso inclui especialmente o campo, a valorização

desse espaço como um lugar de oportunidades, de produção de vida e de conhecimento. O acesso a uma educação de qualidade que forme sujeitos políticos, conscientes do seu papel na sociedade, é vital para que estas mulheres, busquem meios de alterar, se for o caso, a realidade na qual estão inseridas.

As Universidades Federais, por meio de cursos que fazem essa discussão, como o curso de Licenciatura em Educação do Campo, ampliam a visão dessas mulheres para um melhor entendimento de questões relacionadas à sociedade, sua importância enquanto sujeito político atuante nesse contexto, abrindo um leque de possibilidades, dando visibilidade a quem geralmente sente-se inferiorizado nesses ambientes.

A jornalista Fernanda Couzemenco entrevistou a professora do curso de Educação do Campo na UFES, Debora Amaral, no período de lançamento do livro *As mulheres da Reforma Agrária na Educação*. Na entrevista Débora Amaral aponta que:

As mulheres, ao longo da graduação, vão se conscientizando e se libertando desse modelo opressor. Não que a opressão deixe de existir. Mas ao saber que está sendo oprimida, ela pode criar possibilidades para se libertar. O acesso à universidade possibilita esse tipo de reflexão, essa troca de saberes. As mulheres camponesas entram pra universidade trazendo um saber que é enorme, um saber popular que é riquíssimo. Daí quando entram no meio acadêmico, se deparam com outros mil conhecimentos, que ao dialogar com o conhecimento delas, produz um novo saber, e isso é o que liberta. (COUZEMENCO, 2021)

Portanto, podemos perceber a importância de que esses debates não fiquem restritos aos espaços acadêmicos ou unicamente aos movimentos sociais, é preciso uma integração entre os debates, de modo que proporcione a visualização de novas oportunidades. A fala de Débora continua:

A Educação do Campo pensa que essas pessoas que moram no campo têm que ter direito às suas profissões, que consigam ter o seu trabalho e os que quiserem trabalhar na terra também, tenham o seu trabalho na terra, mas que vivam com dignidade. Isso inclui as mulheres. Por que não a mulher ir para a universidade, fazer uma formação, virar uma professora, ter um diploma de ensino superior e voltar pra sua comunidade trabalhando como uma professora, tendo o seu reconhecimento como professora? Isso possibilita um processo de emancipação dessas mulheres. Porque a gente sabe que o histórico de professoras no meio rural era de professoras que ou não tinham formação ou estavam ali porque não queria. O histórico da educação rural no Brasil é esse: a professora não está ali porque ela quer, ela está lá porque ficou numa classificação baixa e acabou "caindo no meio rural". (COUZEMENCO, 2021)

Neste sentido, as licenciaturas em Educação do Campo também trabalham para que as oportunidades cheguem às mulheres com o acesso à universidade pública e de qualidade, a uma graduação que as veja como um dos focos centrais. Assim, ao retornarem podem chegar na comunidade sabendo das possibilidades e do vasto

conhecimento que existe nesse local, e ali possam fazer a diferença rumo a transformação da realidade.

A partir do debate exposto acima, no que se refere à questão das relações de gênero e, em especial, das mulheres do campo na estrutura social capitalista, apresentamos o modo como organizamos a apresentação da pesquisa que realizamos. Assim, essa monografia está composta por três capítulos. No primeiro apresentamos questões referentes à formação da Educação do Campo no Brasil, sua historicidade e formação do curso na UFSC, considerando ainda a presença do curso em minha vida. No segundo capítulo expomos uma análise geral das monografias defendidas na Educampo/UFSC até o segundo semestre de 2020, com intuito de refinar a abordagem para nosso principal interesse de investigação, ou seja, a presença das mulheres do campo nos referidos trabalhos. Finalmente, no terceiro capítulo traremos as entrevistas com as falas das egressas e como a escolha da temática e o desenvolvimento da pesquisa se relaciona com a vida de cada uma delas e suas relações com o campo como território de resistências e de vida.

A monografia é uma narrativa entre a presença das mulheres do campo nos TCCs da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC em meio a narrativa da minha trajetória de vida. Assim, embora não seja muito comum em monografias de conclusão de curso, vou apresentar em formato de prólogo uma narrativa sobre a minha vida, pensando minha constituição como mulher, como do campo, como universitária, como educadora em formação, como mãe, como brasileira. Essa narrativa foi construída em diálogo com reflexões feitas por pesquisadoras da temática da mulher do campo. No prólogo registro minha vida até chegar na universidade.

Além disso, o texto desta monografia foi elaborado na terceira pessoa do plural, considerando que são muitas as falas e escritas que me permitiram tecer esse trabalho. No decorrer da monografia, em alguns momentos, no entanto, uso a primeira pessoa do singular, eu, Marta que fala, considerando que essa pesquisa está sendo percorrida junto da minha trajetória como educanda da Educampo UFSC. Tudo isso está permeado pela pergunta: porque a história da Marta importa, em meio a tudo isso?

Breve prólogo...

Desde que tenho recordações, a minha história de vida até os dias atuais se deu no espaço rural, no campo, morando em fazenda e pequenas vilas. Nasci em 1986, na

cidade de Lages, SC e sou a oitava, dos nove filhos que meu pai (Vivarino da Silva-falecido) e minha mãe (Selma Terezinha Antunes da Silva) tiveram. Sempre tivemos uma vida muito simples e humilde, passamos por algumas dificuldades, mas meus pais nunca nos deixaram passar fome, e quanto a isso lembro muito da garra da minha mãe que sempre trabalhou para contribuir nas despesas, ora como doméstica, ora como boia fria, sempre trabalhando.

Quando completei dois anos, meu pai ficou sem trabalho no município de Lages, e por intermédio do marido da minha irmã mais velha e alguns conhecidos, nos mudamos para o município de Bela Vista do Toldo - SC (na época ainda era um distrito de Canoinhas - SC), onde resido até a presente data, meu pai começou a trabalhar em uma fazenda. Lá permanecemos até quase os meus oito anos, quando meu pai foi demitido do trabalho, por descuido, problemas com álcool. Nessa época, as coisas ficaram bem difíceis, meu irmão teve que largar os estudos e foi trabalhar para os mesmos donos da fazenda, e conseguimos nos manter. Foi um período bem complicado, pois não tínhamos casa própria e dependíamos da casa da fazenda, nos mudamos de lá para uma pequena vila, na qual as casas também pertenciam aos mesmos donos. Foram tempos complicados, mas meus pais, apesar de não terem emprego formal, sempre faziam o possível para estarem trabalhando.

Lembro-me das colheitas de feijão, milho, batata e outras mais, que eles trabalhavam como boia fria e, eu e minha irmã mais nova, estávamos sempre junto, mesmo com nossa pouca idade e tamanho, a gente queria ajudar, eles nunca nos obrigaram a trabalhar, mas a gente já tinha uma noção da nossa realidade e queríamos contribuir para ajudar nossa família.

Meus pais nunca tiveram a própria terra para cultivar, às vezes algum conhecido cedia um pequeno espaço para que eles pudessem plantar alguns alimentos, na sua maioria era feijão ou milho, em troca de serviços prestados. Mesmo morando em propriedades de terceiros, em nossa casa sempre havia uma horta, com verduras, temperos, ervas medicinais, raízes, tudo que fosse possível naquele espaço. Também sempre tivemos pequenos animais, como galinhas (e minha mãe ainda tem até nos dias de hoje, mas agora na sua casa própria, fruto de muito trabalho) e porcos, para nossa subsistência. Em determinada época, tínhamos uma ou duas vaquinhas, para produzir leite e queijo, mas devido ao pouco espaço, era inviável manter.

Depois de um tempo minha mãe começou a trabalhar como servente no único Colégio Estadual do município e a gente pode respirar mais aliviado, porque era um

emprego formal, com todos os direitos trabalhistas, o salário era pouco, mas garantido. Minha mãe foi guerreira, pois o emprego era longe de casa, ela saía bem cedinho e voltava quase noite para casa, pois ia a pé. Eu e minha irmã menor íamos para aula em um horário e no outro cuidávamos da casa. Minha mãe sempre foi uma mulher batalhadora, nos ensinou a trabalhar e não depender de ninguém. Contudo, o pensamento dela e a compreensão do seu papel, não era diferente da maioria das outras mulheres do campo. Tinha jornada tripla, não tinha contribuição dos homens da casa nas atividades domésticas e achava natural. Além disso, nos ensinava que uma boa mulher devia saber cozinhar, limpar e lavar bem, ser boa mãe e esposa. E não a julgo por isso, foi assim que ela aprendeu também.

O ingresso das mulheres no mundo econômico não equilibra as funções atribuídas aos sexos, ao contrário, reforça as desvantagens vividas pelas mulheres que atualmente compartilham com os homens, de forma equânime ou não, a provisão financeira da família juntamente com a responsabilidade da esfera reprodutiva. A saída do lar e as conquistas cada vez mais visíveis no âmbito público representaram uma revolução incompleta, uma vez que as mulheres ainda assumem praticamente sozinhas as atividades do espaço privado, o que perpetua uma desigual e desfavorável divisão sexual do trabalho para elas. (SOUZA, GUEDES, 2016, p. 125)

Depois dos 10 anos, no período das férias escolares, trabalhávamos nas safras de batatinha, colhendo, plantando, pois queríamos nosso próprio dinheiro para comprar material escolar, mochila, uniforme, calçado, do nosso gosto, para o retorno às aulas. Foi uma época sofrida? Foi. Mas eu não me lembro com tristeza, pelo contrário, é motivo de alegria e orgulho saber que desde pequena lutei para ter, mesmo que o mínimo, graças a meu trabalho. Compreendo que isso não é o correto para uma criança fazer no seu período de férias escolares, mas para nós era a única maneira de poder conseguir certas coisas, que nossos pais não tinham condições, apesar de tentarem fazer o possível para isso.

E assim passaram-se os anos, até que conheci meu ex-marido, pai de dois dos meus filhos, Emily e Vítor, rapaz simples e trabalhador, morava na mesma vila. Começamos a namorar, eu com quinze anos e ele dezesseis, namoramos por dois anos e eu engravidei da minha primeira filha, ainda estava estudando no último ano do ensino médio, mesmo bem jovens, assumimos nossa responsabilidade e fomos morar juntos, com poucas coisas, em uma das casas da vila, já que ele também trabalhava para os proprietários das casas.

A família, lugar onde deveria acontecer a primeira conversa sobre sexo e sexualidade, acaba deixando a desejar na tarefa da educação sexual. Talvez a cultura, vergonha ou até mesmo a desinformação por

parte dos pais são fatores que acabam prejudicando esse diálogo tão importante sobre sexualidade. (GUESSER, 2016, p. 15)

Imperativo discutir sobre contracepção com jovens e adolescentes. No que concerne à reprodução, as mulheres são culpabilizadas por engravidar, e os homens absolvidos ou esquecidos de sua participação. Fala-se muito sobre “planejamento familiar”, sem levar em conta a educação sexual como instrumento que, de fato, poderia acarretar uma prática de contracepção e de proteção nas relações sexuais de forma regular na vida dos jovens. (HEILBORN; CABRAL, 2006, p. 228 apud GUESSER, 2016, p.16)

No final de 2003, Emily nasceu, terminei o ensino médio com ela nos meus braços, literalmente, pois levava ela junto para a aula. Não tive ânimo para dar continuidade nos estudos, pois pensava ser quase impossível conciliar a vida de mãe e dona de casa, a falta de condições financeiras com um curso superior, e nessa época não fazia ideia que existiam universidades públicas. Minha vida continuava simples e humilde, mas sempre tentando dar o melhor de mim para minha família. Decidimos ter outro filho, então em 2009 nasceu Vitor, pode se imaginar que tínhamos que nos esforçar em dobro para não deixar nada faltar. Sempre trabalhei, mesmo com os filhos pequenos, pois detestava ser dependente do dinheiro do marido.

A gravidez da adolescência, desejada ou não, provoca um conjunto de impasses comunicativos no âmbito social, familiar e pessoal. Independentemente, da situação socioeconômica e cultural dessas adolescentes, a busca incessante de descobrir principalmente a si mesmo, leva jovens a acreditarem que são intocáveis, ou seja, “não acontecerá comigo”, expondo-se ao risco da gestação indesejada. Em outras palavras, a gravidez na adolescência traz sérios problemas para projetos educacionais, para a vida familiar, e para o desenvolvimento pessoal, social e profissional da jovem gestante como vem sendo reconhecido pela literatura. O prejuízo é duplo: nem adolescente plena, nem adulta inteiramente capaz. Ao engravidar, a jovem tem de enfrentar, paralelamente, tanto os processos de transformação da adolescência como os da gestação. (LEAL; WALL, 2005, p.44 apud GUESSER, 2016, p. 18)

Em 2010 fizemos inscrição para um conjunto habitacional que saiu no município e fomos sorteados, mas infelizmente nesse mesmo ano faleceu meu sogro, meu pai e minha sogra, em um período de 10 meses. No ano de 2011, nos mudamos para nossa casa. Meu marido, na época, trabalhava informalmente. Em 2012, nós dois conseguimos passar em um concurso público que teve no município, ele como operador de máquinas e eu como assistente administrativo escolar, tínhamos estabilidade e salário fixo (mesmo que não fosse muito). Fui efetivada em uma escola do interior do município, longe de casa, mas felizmente tinha transporte escolar até lá.

Trabalhando na educação, comecei a me interessar por essa área, o que me despertou a vontade de voltar a estudar. No final de 2015, a mãe de uma amiga que sabia do meu interesse pela educação, ouviu falar de um curso e me avisou, o curso era Licenciatura em Educação do Campo- Áreas das Ciências da Natureza e Matemática, na Universidade Federal de Santa Catarina, não tinha muita informação sobre o curso, mas me interessou pelas áreas de estudo, prestei vestibular, sem muita esperança, mas passei e em janeiro de 2016 iniciei o curso.

CAPÍTULO 1 –EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM CONTEXTO NACIONAL E NA UFSC

O primeiro capítulo desta monografia irá apontar questões referentes ao contexto de formação da Educação do Campo no Brasil, como modalidade de ensino da Educação Básica, assim como, a constituição e desdobramentos do curso dentro da Universidade Federal de Santa Catarina. Neste sentido, o capítulo foi construído de modo a entrelaçar a presença do curso na minha vida, assim como, sua constituição histórica.

1.1 Educação do Campo em contexto nacional

Antes de ingressar no curso, eu não conhecia a Educação do Campo, apesar de trabalhar há alguns anos em uma escola classificada como “do campo”. Mas, não fui a única, assim como a grande maioria dos meus colegas de turma, não conhecia nada sobre o currículo do curso ou a sua estruturação. Fui começar a entender do que se tratava, quando iniciamos as primeiras semanas de aula, no campus da UFSC na Trindade, em Florianópolis.

Após as primeiras semanas do Tempo Universidade, em Florianópolis, no primeiro semestre de 2016, comecei a entender como se organizava o curso e um pouco da proposta curricular. A cada nova turma que ingressa no curso, existe um método de organização diferente, que busca o máximo possível respeitar as especificidades dos estudantes e as regiões das quais eles são oriundos. Esse aspecto é uma das marcas da Educação do Campo, pensar uma educação superior que se ajuste e dialogue com o cotidiano de vida e trabalho das populações do campo. A turma VII, da qual fiz parte, era formada por estudantes, na sua imensa maioria, de municípios do Planalto Norte de Santa Catarina e devido a grande quantidade de estudantes e a sua localização, fomos organizados em duas turmas, turma VII Mafra e Rio Negrinho, como polos para desenvolvimento das aulas do Tempo Universidade no território, assim como, para o Tempo Comunidade. Eu, por exemplo, por residir no município de Bela Vista do Toldo, me inseri na turma de Mafra, considerando a distância de 80 km aproximadamente.

Tivemos, ao longo do curso, a seguinte organização: aulas presenciais quinzenais no município de Mafra e de Rio Negrinho, as quais os professores se

deslocavam de Florianópolis para ministrá-las; era a parte do Tempo Universidade que acontecia no território, com aulas ocorrendo nas sextas-feiras à noite e sábado pela manhã e tarde. Além disso, ocorria no território o Tempo Comunidade, no qual realizávamos trabalhos referentes ao município que estávamos inseridos e os estágios obrigatórios. Ainda como tempo universidade, tivemos aulas concentradas (de duas a três semanas) nos meses de janeiro e julho de cada ano no Campus da UFSC em Florianópolis. Para cada temporada de estada na UFSC muitos desafios foram vividos, quanto à hospedagem, à alimentação, aulas diárias, muitas vezes, incluindo também o período noturno. Muitos colegas ficaram pelo caminho e não conseguiram concluir o curso, mas, conseguimos, ao final, ser a maior turma formada pelo curso.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo é o resultado das demandas dos movimentos e organizações sociais que se uniram com o objetivo de demandar uma educação de qualidade, possibilitando dar visibilidade aos territórios do campo e valorização o conhecimento produzido pelas populações do campo. Segundo o professor Munarim, “em meados da década de 1990 se constituem o momento histórico em que começou a nascer o que estou chamando de Movimento de Educação do Campo no Brasil. Nesse contexto, o “Iº Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária” (Iº ENERA), realizado em julho de 1997, na Universidade de Brasília pode ser eleito como fato que melhor simboliza esse acontecimento histórico”, as palavras de Munarim registram o marco temporal de constituição desta política pública que derivou das reivindicações das populações do campo. “O ‘Manifesto das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária ao Povo Brasileiro’, lançado na ocasião do evento pode ser considerado a certidão de nascimento. (MUNARIM, 2008, p.59)

Dentro do curso, fui entendendo melhor que a concepção que tinha de campo e dos sujeitos que estão inseridos nesse espaço estava totalmente equivocada. Antes disso, se me perguntassem o que era campo ou rural, só lembraria da agricultura, de um modo geral, e sobre seus sujeitos diria que são os agricultores. Campo é muito mais que isso e seus sujeitos são infinitamente diversificados. Depois de ingressar na Licenciatura em Educação do Campo, compreendi o quão vasta são as populações que fazem da terra, das águas e das florestas seus meios de vida e sobrevivência.

Segundo o decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, as populações do campo são os

(...) agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural. (BRASIL, 2010, p. 1)

Embora a definição de povos do campo venha sendo ampliada, para que as perspectivas que condições de vida materiais sejam vistas, acima de tudo, como condição de vida e existência objetiva e subjetiva, é importante considerarmos o marco trazido pelo decreto citado. Atualmente, podemos registrar que as populações do campo são as que vivem da terra, das águas e das florestas.

A Licenciatura em Educação do Campo tem por objetivo formar educadores, mas principalmente cidadãos críticos que desejam uma educação de qualidade, que respeite as diversidades dos espaços onde vivem e que respeite as especificidades dos sujeitos que fazem parte desses locais. Neste sentido, destacamos as definições apontadas pela pesquisadora Maria Antônia de Souza,

Em contraponto à visão de camponês e de rural como sinônimo de arcaico e atrasado, a concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável. (SOUZA, 2008, p 1091)

Dentro da estrutura capitalista, sobretudo, a partir do século XIX, o campo passou a ser enfatizado como um local de atraso, por isso, a impressão que se tinha e que ainda muitos possuem é que o que chega até esse espaço, pode ser de qualquer maneira, inclusive a educação, em uma visão utilitarista da vida no campo. Pouco as políticas públicas na constituição do Brasil consideraram o campo como um local de produção de conhecimento e de vida, composto por uma ampla diversidade cultural e social. Deste modo, o sistema educacional que, muitas vezes, ainda chega ao campo pouco respeita as especificidades dos sujeitos que ali vivem. E isso era o que certos grupos sociais, detentores do capital, queriam que continuasse acontecendo, visando a manutenção de sistemas de exploração, historicamente impostos às pessoas que não fazem parte da elite social. Neste sentido, trazemos as reflexões de Maria de Lourdes S. Pereira,

No Brasil, todas as constituições contemplaram a educação escolar, merecendo especial destaque a abrangência do tratamento que foi dado ao tema a partir de 1934, mesmo conhecendo a realidade de país eminentemente agrário, não foi levado em conta essa realidade nos textos que tecem as constituições, evidenciando então um descaso das autoridades da época com a educação do campo como herança de uma sociedade escravista, baseada no latifúndio, segundo texto dos marcos normativos da Educação do Campo

(2012), na verdade era um estudo totalmente excludente deixando de fora negros, mulheres e agregados. (PEREIRA, 2014, p. 16)

Além disso, complementamos o que afirma a autora, considerando que as populações indígenas apenas com a Constituição de 1988 foram reconhecidas em suas especificidades, com o direito à escola diferenciada e intercultural, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996.²

Apenas com a pressão e a resistência dos movimentos sociais através do questionamento desta visão reduzida para a educação dos povos do campo, em meio aos sistemas exploratórios e excludentes da política e economia, junto à luta pela terra e por uma educação de qualidade, a Educação do Campo foi se constituindo no nosso país. Segundo Maria Antônia de Souza,

as discussões sobre educação do campo foram fortalecidas a partir das experiências do MST, em especial na organização dos espaços públicos, como o I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (1997) e a I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo (1998). Na década de 1990, vários estados organizaram projetos de Educação de Jovens e Adultos, acumulando experiências para a elaboração do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária (1998). (SOUZA, 2008, p. 7).

Assim, a Educação do Campo foi se constituindo como um projeto popular de educação específica para os povos do campo no Brasil. Porém, não apenas do campo, mas das águas e das florestas. A primeira *Conferência Nacional Por uma educação Básica do Campo* contou com a participação das seguintes entidades CNBB, MST, UNICEF, UNESCO e UnB e aconteceu em Luziânia – GO, no mês de julho de 1998. Seis anos depois, em 2004, na mesma cidade, com a organização da CNBB, MST, UNICEF, UNESCO, UnB, CONTAG, UNEFAB, UNDIME, MPA, MAB e MMC ocorreu a segunda conferência, contando com o apoio do MDA/INCRA/PRONERA com a efetiva participação de entidades governamentais e organizações sociais.

Como resultado destas conferências, foram formados grupos de trabalho que passaram a estruturar as Licenciaturas em Educação do Campo, como cursos de ensino superior focados em habilitar professores e professoras para atuar no campo, além de envolver uma formação para a gestão de processos educativos escolares e comunitários. As primeiras experiências aconteceram nas seguintes universidades federais: UFMG, UnB, UFBA e UFS. Com os resultados positivos e com políticas públicas favoráveis ao

² Para mais detalhes sobre a questão da Educação Indígena consultar: BANIWA, Gersen. Os desafios da educação indígena, intercultural no Brasil: avanços e limites na construção de políticas públicas. In: NOTZOLD, Ana Lúcia; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando (orgs). *Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

crescimento e interiorização das universidades federais no Brasil, no início do século XX, foram lançados editais públicos, os Programas de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo – Procampo/SECAD/MEC. Com isso, diferentes universidades federais entre 2008 e 2009 de norte a sul do Brasil passaram a oferecer a Licenciatura em Educação do Campo, sendo que é neste momento que o curso se instala na UFSC.

Em 2011 nas cinco regiões do país somavam-se 30 as universidades federais com licenciatura em Educação do Campo, sendo que atualmente este número supera 40, incluindo institutos federais. Muitos pesquisadores reconhecem que uma das partes mais inovadoras e ousadas das licenciaturas em Educação do Campo se concentra na formação por área de conhecimento, com currículos multi e interdisciplinares, envolvendo a seguinte composição: Linguagens, Ciências Humanas e Sociais, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Agrárias. Em todas as áreas se busca formar professores e professoras que sejam capazes de compreender as contradições sociais e econômicas da vida no campo, para que seja possível criar realidades emancipatórias e transformadas.

1.2 Educampo – UFSC: algumas considerações sobre a constituição do curso e sua matriz curricular

Após estas breves considerações sobre a criação das licenciaturas em Educação do Campo, começarei a apresentar algumas considerações sobre a criação do curso na Universidade Federal de Santa Catarina. Na UFSC o curso foi criado pela resolução 006/CEG/2009 de 1 de abril de 2009³, tornando-se regular, ou seja, todos os anos ocorrem processos seletivos para o ingresso de novas turmas. O curso está circunscrito à área de Ciências da Natureza e Matemática, formando educadores para atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O curso está pensado por meio do desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para o respeito à diversidade cultural, formando pessoas críticas e com autonomia para alterar a realidade ao qual estão inseridas, pensando na transformação social. Neste sentido, a licenciatura na UFSC mantém o que se espera da Educação do Campo, conforme nos aponta Pereira,

A Educação do Campo busca também um desenvolvimento do ser humano em sua plenitude, reforçando sua grande finalidade que é a de ação educativa, não qualquer educação, mas aquela onde os sujeitos se humanizam e podem intervir na sociedade num processo de inserção crítica, entendendo que não tem como haver educação sem que esta provoque nos educandos diferenciada

³ Resolução disponível em: <https://educampo.grad.ufsc.br/195-2/>

abertura primeiramente em si mesma, para uma nova prática onde reconhecem que são sujeitos de sua própria libertação. (PEREIRA, 2014, p. 18)

O curso na UFSC está estruturado para acontecer permeado pela pedagogia da alternância, pensada como práxis (momento articulado entre teoria e prática, entre TU e TC, importante elo entre o que se aprende na teoria e se pode relacionar com a prática e realidade de vida dos estudantes). A Alternância coloca em integração o praticar e o compreender (reflexão sobre a ação, a explicação, a conceituação): “praticar é compreender em ação e compreender é praticar em pensamento” (GIMONET, 2007, p. 143). Para Jean-Claude Gimonet a alternância inverte a lógica da educação tradicional, quando coloca a compreensão, ou seja, a abstração antes da experiência. Portanto, a Alternância pode ser vista como transgressora, por colocar em ação algo *novo* dentro dos ambientes nos quais tem que ser colocada em ação, desafiando professores e professoras universitárias e os educandos e educandas da Licenciatura em Educação do Campo que não passaram por formações que colocassem a Alternância, ou seja, a importância da dimensão da prática, como fundamental para formação educacional. Neste sentido, a Alternância nas Licenciaturas em Educação do Campo de modo geral e como acontece na UFSC, é um diferencial relevante para a formação das populações do campo.

O Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFSC, metodologicamente está organizado em Tempo Universidade e Tempo Comunidade:

No Tempo Universidade estão previstas as aulas das disciplinas que compõem o curso. Já no Tempo Comunidade o estudante vai a um campo ou a seu local de origem com um plano de estudo que vai desde a familiarização, conhecer e diagnosticar no primeiro ano; observar e pesquisar a escola e seu entorno no segundo ano; e, realizar estágio docência e projetos comunitários no terceiro e quarto ano de curso. Esse processo é minuciosamente registrado em forma de relatórios, artigos e finaliza com o próprio TCC do estudante. (UFSC/EDUCAMPO, 2009, p. 5)

Neste sentido, conforme o PPC do Educampo UFSC, o curso possui oito semestres e a matriz curricular “foi desenvolvida a partir da compreensão de que a produção do conhecimento se faz integrando diferentes campos de estudos (História, Sociologia, Antropologia, Geografia, Psicologia, Biologia, Zoologia, Botânica, Matemática, Química, Física)” o que aponta a dimensão multidisciplinar do curso. Ainda segundo o documento “esses campos, nas suas especificidades teórico-metodológicas são fundamentais para a compreensão dos processos sociais instituídos

histórica e politicamente, principalmente na relação Homem–Campo–Sociedade, desde que trabalhados articuladamente” (PPC- Educampo- UFSC, 2015, p 7)

É importante considerar que o curso foi criado em 2009 e, desde então, a matriz curricular e o próprio PPC do curso já passaram por mudanças e processos de adaptação. Em 2019 o curso completou dez anos e a celebração da primeira década do curso vem sendo acompanhada por um novo processo de atualização do PPC e que incluirá uma nova área de formação: Ciências Humanas e Sociais. Atualmente, no site do curso é possível acessar os seguintes documentos: a) primeira versão do PPC do Curso, datada de 2008; b) o PPC atual, datado de 2009, abrangendo a área de Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Agrárias e c) o processo de Adaptação Curricular, datado de 2015, abrangendo a área de Ciências da Natureza e Matemática e quando a área de Ciências Agrárias deixou de fazer parte do apostilamento do diploma. Além disso, a matriz curricular já passou por mudanças pontuais incluindo renovação de pré-requisitos, mudanças de equivalências, inclusão de ementas, por exemplo.

A mudança mais expressiva até o momento está registrada no processo de Adaptação Curricular iniciado em 2015 e que passou a vigorar no primeiro semestre de 2018. As principais alterações foram as seguintes:

- a adequação da carga horária de algumas disciplinas buscando ampliar as relacionadas aos fundamentos das Ciências da Natureza e Matemática, proporcionando um aprofundamento nos conceitos das áreas de formação ao longo das oito fases do curso;
- a realocação das fases e adequação de carga horária das disciplinas vinculadas aos conceitos que tratam das questões do Campo e da Agroecologia, proporcionando o acesso aos conceitos correlatos ao longo do curso, posto que no currículo anterior havia uma concentração ao final, aspecto que dificultava a interlocução ao longo da formação;
- a alteração de nomes de disciplinas, proporcionando mais aproximação com o proposto na ementa e com a nomenclatura usual no ambiente acadêmico e da Educação Básica;
- a alteração das disciplinas do Tempo Comunidade (Estudo orientado e seminário socialização I ao IV), com desdobramento de sua carga horária em duas disciplinas, mantendo Estudo orientado e seminário de socialização, com redução de carga horária e com a criação de disciplina com o intuito de viabilizar de forma mais adequada a alternância entre o Tempo Universidade e Tempo Comunidade (Instrumentos da Pedagogia da Alternância I a IV);
- a readequação das disciplinas voltadas à Pesquisa e escrita do TCC, buscando distribuí-las ao longo do curso, possibilitando uma articulação com as demandas do Tempo Comunidade, bem como da construção processual da pesquisa necessária à elaboração do TCC. (UFSC/Educampo. PPC, 2015, p. 4)

Embora seja uma citação longa, registramos nesta monografia essas mudanças, pois sinalizam o compromisso da Educampo UFSC com a alternância como proposta

pedagógica que constitui um dos princípios básicos da Educação do Campo, incluindo o compromisso com a Educação Básica. Ainda consideramos destacar, nesta breve apresentação da licenciatura na UFSC que a matriz curricular está desenhada em meio à três eixos integradores: I) Ecossistemas; II) Fundamentos da Ciência; e III) Agroecologia. No eixo ecossistemas temos as discussões voltadas à Educação e à área Campo, de modo muito abrangente. No eixo Fundamentos da Ciência concentram-se as disciplinas de Fundamentos das Ciências da Natureza e Matemática. O Eixo Agroecologia permeia as discussões e práticas agroecológicas em diálogo constante com os dois outros eixos. No texto do PPC consta a seguinte representação gráfica desta integração e perfil de formação:

Figura 1 – Representação Gráfica – Eixos Integradores e Perfil de Formação



Fonte: PPC – Educampo UFSC, 2009, p. 7.

Assim, seguindo o exposto nesta representação é a partir do segundo ano do curso que nós acadêmicos começamos o nosso contato com as escolas, nas quais realizaremos os estágios obrigatórios. Esse contato e imersão na escola já no segundo ano, antes do estágio, permite um aprofundamento das questões voltadas à cultura escolar e é um grande diferencial do curso. No terceiro e quarto ano ocorrem os estágios nas series finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio que unem observação da sala de aula e prática de ministrar aula, o que registramos em relatórios semestrais. No Educampo o contato com a escola antes de iniciar os estágios é um grande diferencial e, neste sentido, por trabalhar há alguns anos na área da Educação, como assistente administrativo de uma escola, tive certa facilidade para fazer contato com as escolas e compreender aspectos da organização e estruturação escolar. No entanto, registro que

estar em contato direto com a escola e a sala de aula, antes e durante os estágios, oferece a oportunidade de conhecer a realidade em que iremos atuar e também de sentirmos se realmente é esse o caminho que desejamos percorrer.

Desde o primeiro ano do curso, somos incentivados à pesquisa acadêmica, à dimensão prática da pesquisa, sobretudo, com o tempo comunidade, no qual conforme a figura exposta acima partimos para o conhecimento do território de vida dos estudantes. Sendo que a escola passa a ser inserida neste contexto de investigação. As pesquisas são realizadas através da elaboração de diagnósticos que se transformam em relatórios da primeira à quarta fase do curso. Além disso, o curso oferece disciplinas de metodologia de pesquisa: EDC 1429 Introdução aos processos de pesquisa (1º fase); EDC 1430 Pesquisa I (3º fase) e EDC 1431 Pesquisa II (4º fase). Estas disciplinas auxiliam no tempo comunidade e servem de base para a disciplina que é ministrada na sexta fase, ou seja, Trabalho de Conclusão do Curso I.

No sexto semestre, iniciamos os estudos para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), através das disciplinas TCC I, II e III. Na disciplina *EDC 1452 Trabalho de Conclusão do Curso I* escrevemos o projeto de monografia, devendo apresentar o tema a ser abordado, a justificativa de sua relevância, a metodologia de investigação, os objetivos geral e específicos. No Educampo UFSC os projetos são apresentados em um seminário no qual todos os docentes do curso são convidados a participar e se iniciam os encaminhamentos de orientação.

O seminário da Turma VII foi o maior da Licenciatura em Educação do Campo, até o momento. Nele, além dos acadêmicos da turma VII, estavam presentes os professores do curso; o diretor do CED e o diretor do Centro de Ciências Agrárias, local onde estávamos realizando as aulas e que também estávamos hospedados. Cada acadêmico apresentou seu projeto de monografia e após isso, os docentes presentes puderam apresentar questionamentos e apontamentos. A partir desse seminário, os professores escolheram as temáticas que mais se identificavam para organizarem os encaminhamentos de orientação. No meu caso, o projeto que apresentei ainda estava pouco estruturado e não consegui avançar na investigação por diversos motivos, deste modo, como já foi dito na introdução, mudamos a temática. As disciplinas EDC 1453 Trabalho de Conclusão do Curso II (7º fase) e EDC 1454 Trabalho de Conclusão do Curso III (8º fase) são para o desenvolvimento da pesquisa e conclusão da monografia com defesa pública dos trabalhos.

O Educampo UFSC possui a Resolução nº 01/LedoC/2020 que “Regulamenta o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), fixado no Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo”. Esta resolução revisou a anterior, datada de 2015. As alterações mais expressivas se concentraram na forma do TCC, incluindo a possibilidade de ser desenvolvido sob a forma de Artigo Científico. No meu caso, optei por elaborar essa monografia. Estas questões estão fazendo parte do trabalho justamente porque estamos realizando uma investigação dentro das monografias defendidas na Educampo UFSC. Neste sentido, a partir daqui passaremos a apresentar algumas questões sobre a matriz curricular.

1.3 A matriz curricular: algumas questões sobre a temática das mulheres do campo

Nesta etapa do primeiro capítulo, dedicaremos maior atenção à questão principal desta pesquisa, ou seja, o tema da mulher do campo. No entanto, antes de seguirmos, destacamos que o curso passou por quatro matrizes curriculares, com distintos tipos de alteração. A matriz que está sendo analisada pertence a última alteração até o momento, iniciada em 2015 e implantada em 2018/1. A partir do momento que começamos nossa trajetória acadêmica no curso, somos apresentados a uma diversidade de temáticas de várias áreas do conhecimento, e entre essas estão às discussões de gênero no campo, o papel da mulher nesse espaço e a luta feminina por visibilização e acesso à educação. Em algumas disciplinas da matriz curricular, em especial, no grupo de disciplinas da categoria Atividades teórico-práticas de aprofundamento – ATPA, a temática de gênero define duas disciplinas: Aprofundamento Temático II – Gênero e Aprofundamento Temático V – Gênero⁴, sendo que Aprofundamento Temático I e Aprofundamento Temático IV compreendem a discussão das relações étnico-raciais e Aprofundamento Temático III o tema da Educação Especial. Observamos que nas matrizes anteriores essas disciplinas não eram trabalhadas por docentes específicos ou com pesquisas na área, com exceção de uma docente. Além disso, nas disciplinas Infância e juventude no e do campo I e II, assim como, em Sujeitos do Campo, a presença da discussão sobre as

⁴ O programa de ensino completo destas disciplinas segue nos anexos 3, 4, 5, 6 e 7. Os programas de todas as disciplinas ofertadas pela Educampo/UFSC estão disponíveis em: <https://educampo.grad.ufsc.br/programas-de-ensino/>

mulheres do campo é mais marcante. Sendo que nas demais disciplinas do curso em alguns momentos a questão é tematizada.

Deste modo, considerando o exposto anteriormente no que se refere às disciplinas que enfatizam diretamente a temática das mulheres do campo, apresentaremos a ementa, o objetivo geral e os conteúdos programáticos das referidas disciplinas de Aprofundamento Temático, Sujeitos e Infância e Juventude. Sendo que os programas das referidas disciplinas constam como anexo nesta monografia. Vale destacar que os referidos programas foram aprovados no curso em 2021 e pertencem a matriz curricular alterada em 2015 e que passou a vigorar em 2018/1.

EDC 1468- Aprofundamento temático II- Gênero

Ementa: Diálogos entre a área CN e MTM e temas contemporâneos – gênero, corpo e sexualidade. Reflexões e aprofundamento sobre essa temática que atravessam a educação no/do campo. Direitos das mulheres e os movimentos sociais de mulheres do campo.

Objetivo geral: Dialogar e aprofundar estudos sobre relações sociais de gênero, corpo e sexualidade e suas implicações para a formação crítica e emancipatória de sujeitos no/do campo, bem como para a formação de professores e professoras.

Conteúdo Programático

- Conceitos básicos sobre gênero, corpo e sexualidade
- Corpo, sexualidade, diversidade e diferenças, identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e gênero como construção social;
- As relações sociais de gênero e suas diferentes perspectivas teóricas;
- Patriarcado;
- Divisão sexual do trabalho;
- Consustancialidade e interseccionalidade das questões de classe, raça e gênero;
- Gênero, decolonialidade e anti-imperialismo.
- Organização social e resistências
- Movimento feminista e suas diferentes ondas e formas de organização;
- Movimento das mulheres negras, indígenas e quilombolas;
- Mulheres camponesas e educação do campo.
- Feminismo Camponês Popular
- A questão de gênero e diversidade nos movimentos sociais do campo

- Violência contra a mulher do campo.

EDC 1471- Aprofundamento temático V- Gênero

Ementa: Organização de materiais de apoio e acompanhamento dos estudantes em diferentes componentes curriculares.

Objetivo geral: Aprofundar os estudos acerca do tema gênero, corpo e sexualidade no contexto da escola, do Ensino de Ciências Naturais e Matemática e da Educação do Campo, de modo aproximar estas temáticas com o conhecimento escolar e os materiais didáticos.

Conteúdo Programático

- Educação para a igualdade de gênero e para sexualidade no contexto escolar;
- Gênero, sexualidade, tecnologia social e políticas públicas de educação;
- Corpo, gênero e sexualidade nos livros e instrumentos didáticos/paradidáticos;
- Conteúdos de Ciências da Natureza e Matemática e práticas de ensino que discutem e problematizam temas referentes ao corpo, gênero e sexualidade.

EDC 1442 - Sujeitos do Campo

Ementa: A constituição histórica dos povos do campo no Brasil. Os sujeitos da Educação do Campo: trabalho, organização, cultura, ambiente, políticas e conflitos. Questões de gênero no campo. Modernização e culturas tradicionais. Diversidade e questões comuns.

Objetivo geral: Apresentar conhecimentos técnico-científicos e metodológicos indispensáveis à compreensão da constituição histórica dos/as sujeitos/as do campo, conforme decreto 7352/2010, no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina e como se constituem e organizam na atualidade.

Conteúdo Programático

- Construção histórica do/a sujeito/a do campo e sua relação com a história do Brasil. Saídas/aula de Campo para aproximação de diferentes experiências, considerando a diversidade dos sujeitos do campo (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ilhéus, assentados)

- A questão agrária brasileira. Agricultura familiar, agricultura camponesa e os sujeitos/as do campo, da floresta, do mar, dos rios, dentre outros.
- Cultura, história, identidade e diversidade no campo, na floresta, no mar, nos rios, dentre outros. Especificidades catarinenses.
- Introdução às questões de gênero e o trabalho da mulher no campo

EDC 1420 - Infância e Juventude no e do campo I

Ementa: Estudos sobre a constituição do ser social: aspectos ontológicos e históricos. A constituição histórica da infância e da juventude.

Objetivo geral: Compreender a constituição das categorias infância e juventude do campo sob aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais com ênfase na infância.

Conteúdo Programático

- Introdução aos aspectos sócio-históricos, econômicos e culturais da categoria Infância
- Bases teóricas e metodológicas de estudos de infância, desenvolvimento e processos de aprendizagem. Contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon.
- Infância e Educação do Campo: educação-trabalho e luta
- Infância e questões étnico-raciais

EDC 1421 - Infância e Juventude no e do campo II

Ementa: A vida das crianças e jovens do campo e problemas sociais: do trabalho infantil ao êxodo rural jovem. As relações intrínsecas entre educação de crianças e jovens na constituição do ser genérico.

Objetivo geral: Compreender a constituição das categorias infância e juventude do campo sob aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais com ênfase na Juventude.

Conteúdo Programático

- Juventude: escola, trabalho e comunidade
- Juventude do Campo: processos migratórios, relações de gênero e geração
- Juventude do Campo e relações étnico-raciais
- Juventude do Campo, movimentos sociais e agroecologia.

Quando cursei a disciplina de Sujeitos de Campo, elas eram ofertadas em duas disciplinas I e II. Nestas disciplinas, também foram discutidas questões de gênero e o papel da mulher no campo. Assim, relato brevemente minha experiência com essa disciplina, por ter sido neste espaço que passei a questionar com outros olhos a questão das relações de gênero no campo.

No primeiro semestre do curso, em 2016, na disciplina de Sujeitos do Campo I, foi realizado um trabalho, no TC, no qual realizamos visitas agendadas a propriedades rurais. O objetivo era conhecer todo o trabalho que é desenvolvido nesse espaço e realizar uma conversa para conhecer todos que estão envolvidos nesse processo dentro da propriedade. Embora para muitos de nós, na turma VII, as propriedades rurais fizessem parte de nosso cotidiano, a visita indicava a necessidade de começar a ver o cotidiano com olhos mais reflexivos. Foi nesse momento que pude conhecer um pouco da história de mulheres camponesas e um pouco de suas lutas diárias. Acredito que foi a partir desse momento que comecei a ter um novo olhar para essa temática dentro do curso e dentro da minha vida. Junto com as disciplinas Infância e juventude no e do campo I e II o debate sobre a juventude/infância levantava pontos sobre a saída dos jovens do campo, principalmente, as mulheres devido à falta de oportunidades de trabalho e estudo, a distribuição desigual das terras da família, a desvalorização do trabalho, dentre outros aspectos.

Com as discussões destas disciplinas e com as de AT II e V, a questão de gênero me permitiu ver as mulheres do campo como uma categoria de análise, porém, mais do que isso, me fez ver que muito do que acontecia e acontece com as mulheres no e do campo não é algo natural, mas o desdobramento das violências sofridas pelas mulheres dentro do patriarcado que impera em muitos cantos do mundo. Deste modo, cito as considerações da profa. Carolina Orquiza Churfem e Inara Fonseca:

Nesta disputa de projetos para o campo, o Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) vem buscando compreender e atuar na luta de classes entre os grupos que dominam historicamente a terra para explorar o trabalho e os trabalhadores que a defendem para preservar a vida por meio da agroecologia. Contudo, em sua estrutura curricular, o curso amplia as suas discussões ao debater a estrutura patriarcal, a divisão sexual e étnico-racial do trabalho presentes no campo brasileiro, o que faz emergir o protagonismo de mulheres que lutam para preservar a agroecologia em seus espaços de vida e de trabalho. Destaca-se que grande parte dos estudantes é de mulheres de diferentes gerações, visualizando no Curso a possibilidade de continuar sua vida no campo sem precisar migrar para conquistar os seus direitos sociais como sujeitas políticas que necessitam do acesso à terra para construir a agroecologia em seus territórios rurais. (FONSECA; CHERFEM, 2020, p. 2)

Foi através do curso e do debate sobre a temática de gênero e da mulher do campo, portanto, que despertou meu interesse em desenvolver a temática no meu TCC. Em um primeiro momento, a intenção era trabalhar a temática com mulheres do município que resido, Bela Vista do Toldo, trabalhando por faixas etárias, analisando as mudanças no contexto social e o acesso às políticas públicas. Contudo, devido a situações externas e acontecimentos pessoais no último ano do curso, não consegui dar sequência ao trabalho. Deste modo, optei, junto com minha orientadora, por manter meu objetivo de produzir uma monografia com a temática das mulheres do campo, mas através de outra pesquisa., ou seja, decidimos então analisar as monografias dos e das egressas do curso. Neste sentido, passaremos agora ao segundo capítulo.

2 CAPÍTULO 2: AS MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO DA EDUCAMPO/UFSC: ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo apresentamos uma análise geral das monografias defendidas na Educampo/UFSC até o segundo semestre de 2020. A partir desta análise, refinamos a abordagem para nosso principal interesse de investigação, ou seja, a presença das mulheres do campo nos referidos trabalhos.

2.1 As monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC: análise geral

Do início do curso até o segundo semestre de 2020, quando se formou a Turma VII, segundo informações disponibilizadas pela secretaria do Educampo – UFSC, o curso possui 126 egressos e egressas. No entanto, para essa pesquisa estamos considerando a análise de 81 monografias, ou seja, as que estão disponíveis online⁵, no repositório do curso, na página da Biblioteca Universitária e no site do curso. As demais monografias estão disponíveis apenas de modo impresso na secretaria do curso e não pude ter acesso em função da pandemia da COVID-19 e da suspensão das atividades presenciais na UFSC. Destacamos que, dentro das 81 monografias analisadas, nossa amostra principal, 62 foram defendidas por mulheres e 19 por homens. A amostra compreende monografias defendidas de 2013 a 2020/2, ou seja, esse é o período da amostra, envolvendo todas as turmas que o curso teve até segundo semestre de 2020.

O estudo quantitativo e analítico das monografias se deu inicialmente com a leitura do resumo e das palavras-chave de cada TCC disponível para essa investigação. Após a leitura e listagem das palavras-chave as temáticas foram reunidas em categorias e dentro de cada categoria as subcategorias, ou seja, as palavras-chave que constam nas monografias analisadas.

O estudo identificou que as monografias estão construídas com temáticas que organizamos nas seguintes categorias⁶: educação/ensino, interdisciplinaridade, agroecologia, juventude, mulher, relações de gênero, infância, saberes e outros. A partir destas categorias, as palavras-chave que identificam as monografias da Educampo/UFSC até 2020/2 são as seguintes:

⁵ No total existem 82 (oitenta e dois) TCCs disponíveis, no entanto, um está com acesso restrito em função de direitos autorais, deste modo, estamos considerando para essa análise 81 (oitenta e um). Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/7425/recent-submissions>

⁶ A tabela com as categorias temáticas segue no anexo 1.

Educação/ ensino

- Abordagem Temática
- Abordagem Temática Freireana
- Acessibilidade
- Acesso e Permanência no Ensino Superior
- Alunos com Deficiência
- Apostilamento
- Aprendizagem
- Arquitetura Enxaimel
- Atendimento Educacional Especializado
- Ciências e Matemática
- Conhecimento Popular e Científico
- Currículo
- Democratização de ensino
- Educação Brasileira
- Educação de Campo
- Educação de Jovens e Adultos
- Educação do Estado
- Educação do MST
- Educação Emancipatória
- Educação Escolar
- Educação Especial
- Educação Inclusiva
- Educação Infantil
- Educação Matemática
- Educação Omnilateral
- Educação Popular
- Empresariamento da Educação
- Ensino Aprendizagem
- Ensino de Ciências da Natureza
- Ensino de Ciências/Física
- Ensino de Física
- Ensino de Geometria
- Ensino Médio
- Ensino Médio Inovador
- Ensino Noturno
- Ensino Superior
- Ensino Técnico
- Ensino-Aprendizagem
- Epistemologia da práxis
- Escola
- Escola do Campo
- Escolarização
- Estágios docência
- Evasão Escolar Defasagem de Ensino

- Exclusão escolar
- Exercícios
- Fechamento de Escolas
- Filosofia PréSocrática
- Formação de professores
- Formação inicial de professores
- Fórum Nacional de Educação do Campo
- Frequência escolar
- Inovação curricular
- Jogos Didáticos
- Leis Municipais
- Licenciatura em Educação do Campo
- Matemática do cotidiano
- Matriz formativa
- Mitologia Grega
- Modelagem matemática
- Modernização Conservadora
- Memória Oral
- Merenda Escolar
- Metodologia
- MST
- Narrativa
- Nova Galiléia
- Nucleação
- Pedagogia do Movimento Sem Terra
- Pedagogia Histórico-Crítica
- Pedagogia Socialista
- Perspectiva freireana
- Pesquisa-ação
- PNAE
- Políticas Públicas
- Projeto Político Pedagógico
- Resolução de Problemas
- Sala de Aula Invertida
- Tema Gerador
- Teoria Histórico Cultural
- Variações linguísticas

Interdisciplinaridade

- Interdisciplinaridade Ensino Médio Inovador
- Abordagem interdisciplinar

Agroecologia

- Acolhida na Colônia
- Agreco
- Agricultura
- Agricultura brasileira

- Agricultura Familiar
- Agrotóxicos
- Alimentação Escolar
- Assentamentos da Reforma Agrária
- Associação
- Cooperação
- Empresas fumageiras
- Fumicultura
- Impactos ambientais
- Instrutor Agrícola
- Meio Ambiente
- Mineração
- Práticas agroecológicas
- Preservação Ambiental
- Produção de Alimentos
- SAFAs
- Unidades de Produção Familiar
- Trabalho
- Trabalho infantil

Juventude:

- Juventude Rural
- Adolescentes Rurais
- Emancipação
- Envelhecimento do campo
- Jovens no meio rural
- Juventude do campo
- Migração

Mulher

- Agricultoras
- Autonomia
- Divisão Sexual do Trabalho
- Ecofeminismo
- Invisibilidade do Trabalho da Mulher
- Mulheres do Campo
- Violência contra a mulher no Campo

Relações de gênero

- Corpo Humano
- Feminismo
- Gênero
- Relações sociais de gênero
- Sexualidade

Infância

- Brincadeira
- Educação Infantil

Saberes

- Benzimento
- Conhecimento geracional
- Cultura
- Diversidade
- Falas significativas
- Fitoterapia
- Plantas medicinais
- Quilombolas
- Realidade
- Saberes locais
- Saberes populares
- Sujeitos do Campo
- Sustentabilidade
- Etnomatemática

Outros

- Adultos
- Anitápolis
- Arquitetura Enxaimel
- Fluorita
- Indústria Farmacêutica
- Luta de classes
- PCH
- Pequenas Centrais Hidrelétricas
- Perímetro Urbano
- Rio Negrinho
- Sistema Capitalista
- Sono
- Tecnologias

Após esse exercício inicial de análise, considerando a importância de ler os resumos para a composição das categorias temáticas, busquei refletir sobre as considerações iniciais reveladas pelos dados. Inicialmente, constatamos a diversidade temática que circunda as monografias, demonstrando a interdisciplinaridade que permeia a formação acadêmica do Educampo. A grande maioria das monografias teve como foco principal de investigação a categoria educação/ensino, dado esperado e relevante, considerando que o curso é uma licenciatura e a temática escolar perpassa todo o curso, mesmo em diálogo com o eixo Agroecologia. As demais categorias se justificam pela multidisciplinaridade que caracteriza o curso nos seus três eixos integradores: Ecossistemas; Fundamentos da Ciência e Agroecologia, sendo que podemos

notar que na sequência da categoria Educação/Ensino, a categoria Agroecologia e suas relações é a categoria que mais aparece nas monografias analisadas.

2.2 As monografias de conclusão de curso da Educampo/UFSC: as mulheres do campo e as relações de gênero em análise

Com o mapeamento geral realizado, centrei o mapeamento dos dados no tema principal desta monografia, ou seja, a análise da presença da temática feminina nos TCCs defendidos no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. Dentro do total de TCCs analisados, somente nove abordaram os temas de gênero e mulher no/do campo, de modo direto ou indiretamente. A análise indica que apenas 11% das monografias incluíram a mulher do/no campo como tema central de investigação. Entretanto, a porcentagem de egressas mulheres é de aproximadamente 77%, em relação a homens. Ou seja, a porcentagem de monografias em relação a porcentagem de egressas mulheres é relativamente baixa.

Dentro da amostra analisada, o primeiro trabalho defendido sobre a temática, data de 2017, um trabalho de uma egressa que fez parte da primeira turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFSC, iniciada em 2009. A estudante não conseguiu se formar com a turma, mas manteve seu vínculo com o curso até conseguir concluir sua monografia em 2017, de acordo com as normas regimentais da UFSC e da Educampo/UFSC. Na sequência, em 2019, tivemos duas monografias, das turmas Contestado e Litoral respectivamente.

Os seis últimos TCCs que apresentaram a presença da temática feminina foram defendidos no início de 2020, com todas as autoras pertencentes a turma VII – Rio Negrinho/Mafra. Portanto, a maioria das pesquisas desenvolvidas que possuem a presença da temática feminina são dessa turma. Uma das hipóteses para explicar esses dados pode estar relacionado ao tamanho da turma VII, a maior até o momento. Outra hipótese seria um maior aprofundamento das temáticas de gênero em algumas disciplinas, em especial em AT II e V, o que demandaria analisarmos os planos de ensino das referidas disciplinas e também consultar as respectivas docentes, no entanto, essas possibilidades excederiam os objetivos desta investigação, mas registramos para futuros encaminhamentos de pesquisa. Além disso, a diversidade de mulheres da turma, incluindo diferentes gerações e com trajetórias de vida diferentes geraram muitos

debates de gênero dentro do curso, possibilitando um novo olhar e um interesse maior sobre a temática.

Todas as monografias analisadas têm como autoras mulheres, bem como, suas respectivas orientadoras. Destacamos que entre os egressos a grande maioria é de mulher, segundo os dados coletados são 62 mulheres e 19 homens. No entanto, consideramos que a abordagem desta temática ainda é pouco expressiva nas monografias da Educampo UFSC. Questão que também pode ser refletida dentro da própria categoria Educação/Ensino, na qual a temática da mulher não foi destacada, sendo que muitas vezes são mulheres as professoras das escolas do campo, como também, as mulheres que mais acabam tendo acesso à educação como forma de buscar outras possibilidades de vida, conforme já destacamos acima.

Destacamos que dentro das categorias identificadas as nove monografias⁷ que interessam a essa pesquisa se encaixaram na categoria Mulher e Relações de Gênero. Observando mais atentamente os trabalhos selecionados, dois trazem com mais ênfase as relações sociais de gênero, sexualidade, numa perspectiva mais feminista, voltado para a prática educacional, buscando a desmistificação da Educação Sexual nos espaços escolares. Um deles abordou a temática da juventude rural na agricultura familiar, com foco nos principais motivos da saída ou permanência dos jovens do meio rural, e entre esses motivos apareceu à temática de gênero, especificando que para as mulheres/jovens a permanência nesse espaço é bem mais difícil. Os outros sete, abordam a temática da mulher do/no campo de modo variado: mulheres na agroecologia, relação com a natureza, autonomia, invisibilidade do trabalho da mulher e violência.

A partir deste ponto, traremos algumas informações referentes às monografias analisadas durante a elaboração deste trabalho. Essas informações foram coletadas nas monografias. O objetivo desta apresentação é dar visibilidade, através de dados gerais e breves informações, à cada uma das nove monografias que compreendem o principal objetivo deste trabalho. Além disso, como anexo, segue uma tabela que sistematiza o que passarei a expor abaixo.

Isabel Augusta Kahler Caro, tem como título da pesquisa, defendida em 11 de dezembro de 2017, *A relação da mulher com a natureza: contribuições da Mitologia Grega, da Filosofia Pré-socrática e do Ecofeminismo para a Educação do Campo,*

⁷ Segue no anexo 2 uma tabela indicando as monografias com as categorias Mulher e Relações de Gênero, autora, orientadora e ano de defesa.

tendo como orientadora a Prof^ª. Dr^ª Natacha Eugênia Janata. Na sua banca de defesa, além da orientadora, estavam presentes, como examinadoras, as docentes, Prof^ª. Ma. Leyli Abdala Pires Boemer e Prof^ª. Dr^ª Thelmely Torres Rêgo. As palavras chave desta pesquisa são: Educação do Campo; Mitologia Grega; Filosofia Pré-socrática; Ecofeminismo e teve como objetivo “refletir sobre a relação da mulher com a natureza a partir da Mitologia Grega, da Filosofia Pré-Socrática e do Ecofeminismo e suas contribuições na perspectiva da Educação do Campo”.

Kátilla Thaiana Stefanos defendeu o trabalho em 18 de abril de 2019, com o título *Corpo, gênero e sexualidade: implicações de uma prática pedagógica e uma pauta da Educação do Campo*. Teve como orientadora a Prof^ª Dr^ª Carolina Orquiza Chermem. Em sua banca de defesa, estavam presentes como examinadoras Prof.^a Dr.^a Lucena Dall’Alba, Prof.^a Dr.^a Néli Suzana Britto e, Prof.^a Dr.^a Thaise Costa Guzzatti. As palavras-chave do trabalho são: Relações sociais de Gênero, Sexualidade; Ensino de Ciências; Educação do Campo. O objetivo com a realização do trabalho foi “trazer uma nova perspectiva para o debate na escola e no ensino de ciências, na medida em que discute as relações sociais de gênero, divisão sexual do trabalho, corpo e diversidade, buscando uma educação sexual em que as educandas e educandos expressem suas dúvidas, reflitam sobre sua sexualidade e compreendam não apenas o seu corpo biológico, mas também as implicações de seu corpo cultural construído socialmente”.

Cristiane Floriano Rieg teve como título de pesquisa *Uma história silenciada: violência contra as mulheres no campo a partir do município de Anitápolis-SC*, defendida em 15 de fevereiro de 2019, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Carolina Orquiza Chermem, e como banca examinadora as seguintes docentes: Prof.^a Maria Eloá Gehlen e Prof^ª Dr^ª Thaise Costa Guzzatti. Como palavras-chave destacou: Gênero; Divisão sexual do Trabalho; Violência contra a mulher no Campo; Anitápolis; Educação do Campo; e teve como objetivo “analisar e compreender as relações sociais de gênero que de alguma forma perpetuam os vários tipos de violência contra a mulher, especialmente no campo”.

Fabiana Cordeiro dos Santos de Souza, primeira egressa da turma VII, defendendo uma monografia sobre a temática feminina. A defesa ocorreu em 18 de dezembro de 2019 e o trabalho foi intitulado como *A importância da agroecologia na vida das mulheres camponesas do grupo AMHO*, sob a orientação da Prof.^a Dr^ª Carolina Orquiza Chermem. Em sua banca examinadora estavam presentes: Prof.^a Me. Daniele Rehling Lopes, Adriane Canan do Movimento de Mulheres Camponesas e a Prof^ª Dra.

Marília Carla de Melo Gaia. As palavras-chave escolhidas foram: Educação do Campo; Mulheres; Agroecologia; Autonomia e seu objetivo foi apresentar a pesquisa desenvolvida no município de Itaiópolis – SC, no ano de 2019, com um grupo de mulheres agricultoras que produzem alimentos de forma agroecológica. “A presente pesquisa se propôs a investigar quais são os limites e as potencialidades da produção agroecológica para as mulheres da Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis, o Grupo AMHO, compreendendo a importância e a ligação da agroecologia na vida das agricultoras”.

Eduarda Yanara Souza dos Passos, egressa da turma VII, trouxe a pesquisa com o título *Relações de gênero e sexualidade na escola: uma prática emancipatória*, defendida em 23 de janeiro de 2020, sob a orientação da Profa. Dra. Carolina Orquiza Chermem. Em sua banca de defesa estavam presentes, como examinadores, Profa. Me. Daniele Rehling Lopes, Profa. Dra. Inara Fonseca Ferreira Mandu da Silva e Profa. Me. Máira Caroline Defendi Oliveira. Destacou como palavras-chave: Relações sociais de gênero; Sexualidade; Feminismo; Emancipação; Pesquisa-ação; Educação do Campo. E teve por objetivo “analisar e desenvolver ações junto à escola com temas relacionados às relações sociais de gênero e sexualidade, debatendo com os/as estudantes do ensino médio essa temática”.

Giane Americo Liebel, egressa da turma VII, intitulou sua pesquisa como *Estudo de caso de mulheres e suas histórias de vida na agricultura familiar em Mafra – Um estudo a partir da experiência da COOARPA - Cooperativa Agropecuária Regional de Pequenos Produtores*, defendido em 2020, sob a orientação da Prof^a Dr^a Thaise Costa Guzzatti. Em sua banca examinadora estavam presentes: Prof.^o Dr.^o Silvio Domingos Mendes Silva, Prof.^a Dr.^a Adriana Angelita da Conceição e Prof.^a Dra. Vilênia Venâncio Porto Aguiar. As palavras-chave destacadas foram: Autonomia; Invisibilidade do trabalho da mulher; Gênero; Divisão sexual do Trabalho; Mulher do Campo; e seu objetivo com esse trabalho foi “verificar se houve avanço na maneira que essas mulheres eram vistas há anos atrás no trabalho na vida pessoal, no que diz respeito a superação das desigualdades de gênero e no reconhecimento do trabalho delas na produção de alimentos em Mafra”.

Gislaine Duffeck, egressa da turma VII, teve como título de pesquisa *O protagonismo das mulheres na produção agroecológica no município de Papanduva*, defendida em 20 de janeiro de 2020, sob a orientação da Prof^a. Dra. Thaise Costa Guzzatti. Em sua banca examinadora estavam presentes o Prof. Dr. Silvio Domingos

Mendes da Silva e Prof^ª Dr^ª Vilênia Venâncio Porto Aguiar. Destacou as seguintes palavras-chave: Agroecologia; gênero e agricultoras. Seu objetivo ao desenvolver o trabalho foi "compreender como se deu o processo de transição agroecológica das propriedades, como estão sendo construídas as autonomias das mulheres no processo, qual foi o papel das políticas públicas, assistência técnica e como acontece a comercialização dos produtos agroecológicos. Também buscou entender o papel da educação para a superação das desigualdades de gênero e desenvolvimento da agroecologia no município".

Luana Ricardo de Jesus, egressa da turma VII, teve como título de pesquisa *Construção da autonomia das mulheres do campo em Rio Negrinho – SC*, defendida em 20 de janeiro de 2020, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Thaise Costa Guzzatti. Em sua banca examinadora, estavam presentes: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Angelita da Conceição e Prof^ª. Dr^ª. Vilenia Venancio Porto Aguiar. Destacou as seguintes palavras-chave: Mulheres do Campo; Autonomia; Educação; e como objetivo "analisou o processo de construção da autonomia por mulheres do campo no município de Rio Negrinho".

Por fim, Juliana Aparecida Hoffmann, também egressa da turma VII, intitulou sua monografia como *A escola e a tensão permanência/saída de jovens das unidades familiares de produção e de um município "essencialmente rural"; um estudo em Itaiópolis*, defendida em 21 de janeiro de 2020, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Thaise Costa Guzzatti. Em sua banca estavam presentes como examinadores o Prof^º Dr^º Silvio Domingos Mendes da Silva e a Prof^ª Dr^ª Leila Lesandra Paiter. As palavras-chave destacadas foram: Jovens; Escola; Agricultura Familiar; Educação do Campo; Itaiópolis; e seu objetivo com a realização do trabalho foi "refletir sobre as possíveis relações da escola com a permanência de seus estudantes na agricultura ou, ao contrário, a saída, por esses sujeitos, das Unidades Familiares de Produção e, de forma mais geral, do município".

A partir destas breves apresentações das monografias selecionadas, identificamos que todas as orientadoras foram mulheres. As bancas foram formadas por ampla maioria feminina, com exceção das bancas da Giane, Gislaine e Juliana que tiveram como interlocutor o prof. Silvio Domingos Mendes da Silva e foram orientadas pela Profa. Thaise Costa Guzzatti. As bancas das orientandas da Profa. Carolina Orquiza Churfem e da orientanda da Profa. Natacha Eugenia Janata foram integralmente femininas. Além disso, vale registrar que a profa. Thaise ministra a disciplina de Sujeitos do Campo e atua em projetos de pesquisa e extensão que envolvem discussões

sobre o espaço da mulher no campo. A profa. Carolina, comumente, ministra as disciplinas de AT – Gênero II e V, além de ser uma pesquisadora da temática de gênero com projetos de pesquisa e extensão. Deste modo, esses dados contribuem para nossas hipóteses do fortalecimento da discussão sobre a temática das mulheres do campo se dar com maior ênfase nas referidas disciplinas. Embora a profa. Natacha ministre comumente disciplinas da área Educação.

Podemos concluir que todas essas autoras buscaram debater a temática feminina em suas pesquisas procurando abordar as relações das mulheres com o meio e com ênfases variadas. A partir destas considerações e em diálogo com as egressas, passamos ao próximo capítulo desta monografia.

3 CAPÍTULO 3- AS MULHERES DO CAMPO EM ANÁLISE: CONVERSAS E ANÁLISES COM AS EGRESSAS DA EDUCAMPO-UFSC

Neste capítulo veremos, a partir da fala das egressas, como a escolha da temática e o desenvolvimento da pesquisa se relaciona com a vida de cada uma delas e suas relações com o campo como território de resistências e de vida.

3.1 Diálogos possíveis: as egressas falando

Após realizar um estudo geral sobre as categorias temáticas das monografias defendidas como trabalhos de conclusão de curso na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, com ênfase nas nove monografias que tematizaram as mulheres do campo, foi o momento de refinar a análise. Neste sentido, seguimos para o próximo passo, o processo de contato com as nove egressas autoras das monografias comentadas no capítulo anterior. A forma de contato escolhida foi o e-mail. Escrevemos uma comunicação que apresentava os objetivos da pesquisa, com um breve resumo do projeto, sinalizando a necessidade de realizar uma entrevista semiestruturada.

Esperamos alguns dias pelos retornos. Como algumas respostas não chegaram, passamos a usar outras formas de contato, como redes sociais, Whatsapp e Facebook. Com isso, após o prazo que estipulamos, seguindo o cronograma da pesquisa, conseguimos agendar oito entrevistas. Por e-mail enviamos o termo de consentimento livre e esclarecido⁸ para assinatura ou de acordo, como resposta ao e-mail, de modo a formalizar à efetivação da entrevista. Apenas a egressa Juliana Hoffmann não retornou. Deste modo, embora tenhamos identificado as nove monografias, as falas aqui presentes serão de oito egressas.

Todas as entrevistas aconteceram de modo remoto. Primeiramente, no período de duas semanas, conseguimos realizar sete entrevistas com êxito. A última entrevista realizada foi com egressa Izabel Caro, justamente, pensando de modo cronológico, a primeira da amostra a defender um TCC na Educampo UFSC, com a temática das mulheres. Por intermédio da professora Natacha Eugênia Janata, que foi orientadora de Isabel, conseguimos o contato telefone e concluimos, por fim, as oito entrevistas.

O roteiro da entrevista foi elaborado de modo a buscar informações que nos ajudassem a entender a escolha da temática e os desdobramentos da investigação. O

⁸ O modelo do termo de consentimento livre e esclarecido segue no anexo 8.

objetivo principal era entender o sentido da temática abordada para cada autora e, ao mesmo tempo, saber como ela se relacionava e se relaciona com a temática escolhida após a conclusão do curso. Deste modo, as primeiras perguntas buscaram instigar às egressas a compartilhar e explicitar todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, seguindo com questões sobre a trajetória de vida e dentro do curso. De modo geral, o roteiro seguiu o percurso: curso, pesquisa, a questão das mulheres do campo e a vida pós-pesquisa.

O roteiro foi pensado para se adequar a uma entrevista semiestruturada de modo a direcionar a conversa, mas sem restringi-la. Deste modo, em algumas entrevistas não foi necessário fazer todas as perguntas, pois no decorrer da conversa as informações que objetivávamos já tinham sido compartilhadas. Por outro lado, em outras entrevistas tivemos necessidade de ampliar as perguntas para obter melhores esclarecimentos.

O roteiro foi constituído com as seguintes perguntas:

- Qual foi a principal motivação para a escolha da temática “Mulher do/no Campo” como objeto de pesquisa do TCC?
- Durante a elaboração do TCC quais foram os desafios/dificuldades, envolvendo o processo de desenvolvimento da pesquisa, que você destacaria?
- Pensando sua trajetória dentro do curso de Licenciatura em Educação do Campo como você analisa que a temática da Mulher do Campo foi abordada no Currículo do curso?
- A temática escolhida trouxe contribuições para sua vida pessoal?
- Você se considera uma mulher do campo? Se sim, como você avalia a situação da Mulher do/no campo nos dias de hoje.
- Você compartilhou ou compartilha sua pesquisa com mulheres do campo? Fale, por favor, sobre o assunto.
- Ao analisar a relação completa de todos os TCCs defendidos na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, observei que a quantidade de trabalhos referente ao tema da Mulher do Campo em relação à quantidade de egressos, principalmente mulheres, é desproporcional. Ou seja, temos um elevado número de mulheres egressas e pouquíssimos trabalhos sobre o tema: Segundo dados da Secretaria temos 128 egressos no curso, destes, observei 81 TCCs que estavam disponíveis online, sendo desse total, 19 homens e 62 mulheres, sendo que

ainda, desse total, 9 abordavam a temática, todas mulheres, com orientadoras mulheres. Qual a sua opinião ou o que você pensa sobre isso?

- Defina, por favor, o que você entende por Mulheres do/no Campo.

Conforme podemos perceber, a penúltima pergunta foi a mais complexa, já que trazia dados levantados pela investigação em andamento. Ao final de cada entrevista, pudemos perceber que muitas informações se correlacionavam e que a marca da vida de cada egressa ia sendo registrada em meio às memórias sobre a trajetória no curso, assim como, sobre a trajetória de vida de cada uma.

Cada egressa trouxe experiências importantes através da pesquisa que realizou, destacando questões referentes à própria existência enquanto mulher, às contribuições para sua trajetória acadêmica, diante da temática escolhida, e sobre a condição da realidade das mulheres na sociedade. Assim, diante da riqueza de cada fala, de cada manifestação destas mulheres, realizamos breves sínteses de cada uma delas e as apresentaremos na sequência. As sínteses foram construídas como narrativas que estão permeadas por trechos com a fala direta das egressas, marcadas entre aspas.

Convidamos as leitoras e leitores desta monografia a lerem estas sínteses considerando a relevância de ouvirmos as vozes femininas que falam das mulheres do campo, pois não estamos diante apenas de uma categoria social de análise, mas de vidas e cada vida importa.

Entrevistada: Cristiane Riegl

Entrevista realizada em 27 de julho de 2021.

Para Cristiane, a escolha da sua temática foi uma construção pessoal no decorrer dos anos dentro do curso, dentro da sua comunidade. “Durante o curso e durante a minha construção pessoal como mulher, assumi papéis dentro da comunidade, que fui vendo que enfrentava dificuldades que um homem não enfrentava”. Certas situações referentes à mulher a deixavam indignada e isso motivou a escrever sobre. Referente aos desafios encontrados destaca primeiro um bloqueio na escrita em certos momentos e depois ser imparcial durante a pesquisa de campo, ouvindo as histórias de violência das mulheres, pois algumas situações eram revoltantes.

Quanto a abordagem da temática dentro do currículo do curso, em alguns TCs e nas disciplinas específicas estava bem presente, e foram elas que a levaram a escolha do

tema de pesquisa do TCC, em algumas não aparecia, porém num todo a temática foi bastante discutida.

Para Cristiane elaborar essa pesquisa, “ela me fez amadurecer muito, porque quando tu se depara com um problema no teu dia a dia, como por exemplo, to fazendo almoço e acabou o gás, você vê logo uma solução eminente, você sabe o que você vai fazer, vai ligar para o moço do gás, vai comprar o gás e terminar seu almoço, agora, olhando para o problema que é a violência contra as mulheres, e agora falando de uma forma geral, seja mulheres do campo, sejam da cidade, onde for, você não vê uma solução eminente, você não vê uma resolução para esse problema eminente, você precisa caçar estratégias para ir combatendo o mal e assim, uma vírgula do que você vai combater não vai chegar nem a uma fração do que é o um todo a violência contra a mulher no mundo”. Existem ações que podem ser feitas para amenizar certas situações, porém uma pessoa só não consegue mudar muita coisa, e entender isso traz um amadurecimento de entender que tem coisas que a gente consegue fazer sozinha e tem coisas que precisamos da ajuda de outras pessoas, por isso a importância de que mais e mais pessoas abordem essa questão em seus trabalhos.

Sua trajetória de vida está diretamente ligada ao campo, contudo atualmente, devido ao seu modo de vida, não está diretamente ligada a esse espaço. Cristiane não reside no município onde foi realizado a sua pesquisa (Anitápolis), trabalha como educadora em outro município um pouco maior. Sobre compartilhar sua pesquisa com mulheres, ela sempre que pode faz isso, transformou seu trabalho em um capítulo de livro. Antes da pandemia tinha a intenção de iniciar um projeto com grupos focais, sobre a temática da violência contra mulheres, pois como professora escuta muitas histórias que necessitariam ser trabalhadas, mas não conseguiu dar continuidade, devido a pandemia. Preocupou-se em escrever um trabalho, de uma maneira que ele pudesse ser lido por qualquer pessoa/ mulher que tivesse interesse, sem muitos termos científicos, que fosse de fácil acesso, que por exemplo, seus alunos de ensino médio pudessem ler e entender a sua pesquisa.

Quanto a abordagem da temática nos TCCs, fala que muitas vezes nós mesmos, mulheres, não entendemos a importância de falar das nossas lutas, de elaborar novas pesquisas para conscientizar, para se ter novas referências bibliográficas na área. Homens também deveriam escrever sobre, afinal também estão se formando educadores do campo, e vão se deparar com a realidade de mulheres, estudantes, mães, colegas.

Falta entender melhor a importância de falar sobre tais assuntos, entender como isso vai influenciar outras pessoas.

Para Cristiane, mulheres do campo, podem ser ou não nascidas em municípios considerados rurais, são mulheres que trabalham com agricultura familiar, que algumas vezes não tem acesso a todas as políticas públicas, mas que estão nesse meio, nessa luta.

Entrevistada: Fabiana Cordeiro dos Santos Souza

Entrevista realizada em 28 de julho de 2021.

A motivação para a escolha da temática deu-se principalmente pela história de vida da sua avó, por ter crescido com ela, “eu sabia que eu gostaria de falar alguma coisa assim sabe e com o decorrer do curso que a gente começou a ter aulas de gênero e essas coisas, aí eu me descobri, pensei meu Deus, é isso que eu quero pra minha vida sabia e vou dar um jeito de falar de mulher”. Nos estágios, que fazia em comunidades bem rurais, percebeu a importância dos grupos de mães, de terem um espaço só para elas, para se expressarem da maneira mais natural possível, “elas parecem que são outras pessoas ali dentro”, e pensou em falar sobre a importância dos clubes de mães, porém depois de um trabalho feito para uma disciplina do curso, sobre movimentos sociais de mulheres, em municípios rurais, através de uma colega teve contato com uma senhora que fazia parte do Movimento de Mulheres Camponesas, que já era do seu convívio, mas não sabia que ela fazia parte do MMC. A partir do trabalho realizado com essa mulher, das falas que ouviu, da sua trajetória de vida, de outros trabalhos realizados sobre o tema, e de todos os direitos que foram conquistados a partir das lutas dessas mulheres que fazem parte de movimentos sociais, decidiu que isso faria parte do seu trabalho, “mulheres e agroecologia, é isso que eu quero, não sei como vou fazer, mas é isso que eu quero”.

Sobre os desafios de desenvolver o trabalho, como estava participando de muitas coisas da universidade, se descobrindo muito feminista, não sabia como chegar nessas mulheres, como perguntar se elas se identificavam como feministas por estarem dentro dos movimentos sociais, preocupava-se muito em como falar com essas mulheres sem ser invasiva, achando que sabia das coisas, “por que eu cheguei também com essa ideia de, a gente teve agroecologia na faculdade já, então na minha cabeça eu sabia de tudo sobre agroecologia, porque era uma das minhas matérias preferidas, que eu mais estudava, que eu mais me esforçava, e cheguei lá na hora e levei um banho de mulheres que sabe, só tinham até a quarta série, que nunca pisaram na universidade”, “pra mim

era muito estranho essa coisa de conhecimento científico e conhecimento popular, eu ter uma carga na universidade sobre feminismo e chegar lá e ver que feminismo é outra coisa, que o feminismo não chega da mesma forma que chega em mim, na dona Maria lá do interior, aí eu tive que saber separar, para não ofender aquelas mulheres que estavam ali, que sabiam muito mais sobre a luta feminista que eu que estava na universidade”. Outro desafio foi a escrita, tentar escrever de uma forma sucinta, tudo que fez na pesquisa participante, de um modo que enaltecesse o trabalho desenvolvido por essas mulheres. Também não queria que depois do término do trabalho, aquilo não parasse por ali, por que viu que elas precisavam de mais que isso, que aquelas mulheres precisavam de apoio para continuarem na luta.

Em relação à abordagem da temática no currículo do curso, analisa que nos primeiros anos do curso, essa discussão aparece com mais frequência, em determinadas disciplinas, contudo analisa que ainda é de maneira vaga, por que não é vista a realidade em que estamos inseridas, “não adianta falar que as mulheres do campo sofrem violências, por que a gente sabe que sofre, por que a gente vê isso, a gente cresceu vendo isso, mas e aí, o que vocês vão fazer para que a gente chegue na nossa realidade e possa mudar isso?”. Houve casos dentro do próprio curso, que necessitava de um melhor posicionamento por parte dos responsáveis, e isso não aconteceu. “Então não adianta falar que somos mulheres fortes, que temos que falar de mulheres, ajudar mulheres, pesquisar sobre mulheres, e quando uma mulher do curso chega e fala, ei tem um carinho ali que a gente ta sofrendo, não serem tomadas providências”.

Sobre as contribuições que a realização do trabalho trouxe, destaca a continuidade dos estudos, mestrado, de continuar trabalhando essa mesma temática. A partir desse trabalho começou a participar de outros projetos, foi convidada a fazer parte de movimentos sociais, virou membro do MMC, faz parte do EIV (Estágio Interdisciplina de Vivência). “Eu não me vejo fazendo outra coisa, essa pesquisa faz parte da minha vida”.

Com relação a considerar-se uma mulher do campo, fala que antes do curso ela não se considerava, depois que entrou para o MMC, e de participar do EIV, começou a se reconhecer enquanto mulher camponesa, participando ativamente dessa realidade, e entendendo as especificidades de ter essa identificação. Quanto à situação da mulher nos dias atuais, acredita que mesmo com o acesso a alguns direitos ainda sofrem diversos tipos de violência, suas lutas não são valorizadas, suas falas são desacreditadas, suas vozes não são ouvidas e seu trabalho é dobrado, na grande maioria das vezes, e

quando essas mulheres resolvem falar ou denunciar essas violências, acabam sofrendo retaliação da família e da comunidade. O acesso às políticas públicas também é uma questão complicada para essas mulheres.

Sobre a presença da temática nos TCCs, talvez tenha faltado um pouco mais de incentivo e apoio, por que, falar sobre determinados assuntos, ainda gera conflitos. A maioria dos trabalhos que abordaram esse tema são da turma VII, por ser uma maioria mulheres, com diversas especificidades e trajetórias de vida.

Sobre o que entende por mulher no/do campo, “acima de tudo ser mulher do campo é um ato de resistência, então se reconhecendo ou não como camponesa, resistam”. Mulheres camponesas sofrem diversos tipos de opressões, sofrem para resistir ao agronegócio e ao capitalismo, sofrem para não desistir e lutar pela agroecologia, tudo isso são atos de resistência.

Entrevistada: Kátia Stefanis

Entrevista realizada em 27 de julho de 2021.

A gente não escolhe o tema de pesquisa, o tema escolhe a gente (Safiotti). Motivação pessoal, história de vida, gravidez na adolescência, falta de diálogo em casa, casamento muito jovem, relacionamento abusivo. Na universidade, teve contato com a discussão de gênero, feminismo, despertando seu interesse sobre o assunto.

Pesquisa em cima de projeto de oficina prática. Dificuldades de diálogo com escola, planejamentos que não davam certo, conciliar TU e TC com a pesquisa de TCC. Dificuldades com a escrita, por insatisfação com o desenvolvimento do projeto.

Abordagem do tema dentro do curso, dentro da ementa das disciplinas existe, já é um avanço, porém depende do docente. Os estudantes também podem fazer essa discussão, criando diálogos com os movimentos sociais, MMC, MST, e a partir daí participando de eventos sobre o assunto, recomendado por professores, aproximando do debate sobre o tema.

Quando se percebe como feminista, já não aceita determinadas coisas. Quando se aprofunda na discussão de gênero e sexualidade, como docente, se depara com essas questões em sala de aula, consegue manter um diálogo com os estudantes.

Devido ao espaço onde reside, a sua trajetória de vida e formação, se considera uma mulher do campo, contudo seu modo de vida é diferente das outras mulheres do campo, por exemplo, as agricultoras, pelas situações as quais enfrenta em relação a

trabalho e acesso aos serviços públicos, por exemplo. Em relação a sua pesquisa, compartilha com mulheres de movimentos sociais, com os quais mantém contato.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo é tão amplo, que faz com que os estudantes tenham um vasto campo de pesquisa, como as áreas de estudo, agroecologia, jovens no campo, e por mais que a pessoa seja sensível ao tema das mulheres, ela escolhe o tema que se apaixona que se identifica mais.

Mulheres do campo são as agricultoras, ribeirinhas, quebradoras de coco, mulheres das águas, das florestas, etc.

Entrevistada: Luana Ricardo de Jesus

Entrevista realizada em 04 de agosto de 2021.

Para realizar essa pesquisa, teve suas inspirações, a primeira foi na disciplina de Sujeitos do Campo, que trouxe a discussão de gênero na agricultura familiar, ministrada pela professora Thaise, no primeiro semestre do curso, esse foi o seu primeiro contato com essa temática e abriu os olhos para um novo horizonte, fazendo questionar e analisar algumas questões que antes não percebia. Em um TC, sobre gênero e geração, visitou juntamente com alguns colegas, uma família de agricultores, na qual percebeu que somente o homem tinha voz ativa, a mulher não se manifestava. Em outra oportunidade, teve que voltar a mesma propriedade para concluir o trabalho e, dessa vez, resolveu chamar a mulher em outro espaço para conversar, e descobriu que ela passava por situações bem difíceis, inclusive violências, que se dão, as vezes de maneira tão sutis que passam despercebidas. Isso, a fez refletir, “poxa, eu vivia aqui, e olha a questão que tinha ali dentro daquela casa e eu não via”, e a partir daí começou a repensar essas situações, as desigualdades que existem nesse espaço, as questões de gênero e decidiu que deveria escrever sobre isso.

Sobre os desafios de trabalhar com essa temática, relata que foi complicado conseguir dados de alguns órgãos sobre mulheres agricultoras, o trabalho foi entendido de uma maneira diferente pela pessoa responsável e os dados não foram repassados da maneira que esperava e por conta disso teve que mudar um pouco o foco inicial do seu trabalho. A maioria das instituições tem como representantes pessoas do sexo masculino, e a maioria ainda tem dificuldade em se falar sobre essa temática.

Em relação à abordagem da temática no currículo do curso, acredita que ela foi abordada de maneira relevante nas disciplinas em que o tema estava diretamente ligada a ementa. Nas disciplinas direcionadas as áreas de estudo, quase não via, ou se via era

de modo muito superficial. Sentiu falta também de se trabalhar com mais pesquisadoras e cientistas mulheres.

Sobre as contribuições de se trabalhar a temática, além de muito conhecimento científico, mas também muita experiência de vida, pois pode conversar com mulheres com diferentes histórias de vida, que apesar de serem protagonistas nas suas propriedades no que se refere a agricultura, ainda passam por situações em que o patriarcado é quem dita as regras. Escutar essas mulheres, ouvir suas trajetórias, traz outra perspectiva sobre a temática.

Sobre se considerar uma mulher do/no campo, tem toda uma discussão do que seria um município rural, mora perto de propriedades rurais, mas acredita está um pouco distante dessa realidade, pois sua trajetória está pouco ligada as diferentes situações que uma mulher do/no campo enfrenta diariamente, segundo ela “embora eu esteja muito perto, eu não estou tão perto quanto eu gostaria e poderia”. Apesar de alguns avanços, alguns direitos conquistados, a mulher no/do campo ainda está inserida numa realidade que várias situações ela não possui poder de voz, e continua tendo dupla jornada de trabalho. Nesse sentido, relata a importância da educação, de se discutir e problematizar essas questões, para que as meninas aprendam desde cedo a não aceitar certas situações. Sobre compartilhar a pesquisa, sempre que possível fala sobre sua pesquisa, com colegas de trabalho e em alguns TCs já levou sua pesquisa, ainda em andamento, para ser compartilhada. Sobre seu trabalho estar disponível no repositório da BU, acredita que fica um pouco restrito, pois são poucas pessoas que tem interesse em pesquisar ou que tem acesso a isso.

Em relação a pouca quantidade de TCCs referente a temática, acredita que seja a dificuldade em falar sobre as dores do outro. Sobre serem todas mulheres as autoras dos trabalhos, diz que talvez seja por que as mulheres tem mais sensibilidade para ouvir outras mulheres, são mais tocadas por essas questões, por que também são vítimas do sistema patriarcal que impera na sociedade. Talvez a explicação esteja aí, se eu não me enxergo no outro, não sofro as mesmas dores, é difícil falar sobre isso, e isso está em diversas outras questões. Nós mesmas mulheres, não enxergamos diversas questões que afetam outras mulheres.

Sobre o que entende por mulheres no/do campo, depende do meio que estão inseridas, as especificidades da realidade em que vivem a cultura, a educação, a visão que elas têm sobre a importância da terra, sobre o papel delas nesse meio.

Entrevistada: Gislaine Duffek**Entrevista realizada em 05 de agosto de 2021.**

Gislaine relatou que a principal motivação foi através das discussões realizadas no curso, fazendo enxergar as questões de gênero, por que normalmente não nos damos conta disso. Aprofundar a pesquisa sobre essa temática, faz perceber coisas que no cotidiano passa despercebido.

Referente aos desafios encontrados na elaboração do trabalho, destacou que o principal foi ser atendida pela Secretaria da Agricultura do município, que o responsável pelo órgão não retornou as tentativas de contato e por coincidência era o único homem participante da pesquisa. Na sua visão, isso deu-se, devido ao tema da pesquisa, pois em outra ocasião, ela e alguns colegas foram atendidos pela mesma pessoa, para falar de um outro trabalho com outra temática.

Sobre a discussão da temática no Currículo do curso, acredita que foi de extrema importância, pois a partir daí despertou o olhar para essas questões, pois segundo Gislaine “as vezes você está dentro dessa realidade, mas você não se enxerga enquanto sujeito, por que aquilo passa tão batido, é tão normal escutar que as coisas tem que ser assim, tem que ser assado, tem que ser daquele jeito, que você não aprofunda, você leva isso como normal e não é normal”, portanto debater sobre essa temática no curso foi essencial para ampliar os horizontes.

Com a realização da pesquisa, conseguiu enxergar a sua realidade e entender melhor o porquê de certos acontecimentos.

Pela sua trajetória de vida, costumes, cultura, se considera uma mulher do campo. São as mulheres que geralmente se preocupam com a alimentação e a qualidade de vida das famílias. Sobre compartilhar a pesquisa, ela não teve oportunidade de compartilhar o trabalho escrito, mas fala da experiência sempre que possível.

Falando sobre a abordagem da temática nos TCCs, fala que “a pessoa tem que se sentir dentro daquela realidade, o tema do teu TCC tem que ser algo que te toca, do contrário você não aprendeu nada”, quem buscou essa temática, foi por que isso te tocou em algum momento na sua trajetória de vida, a partir do que se trabalhou no decorrer do curso.

Referente ao que entende por mulheres do/no campo, destaca o protagonismo das mulheres na agroecologia, prezam pelo bem-estar das famílias, tem jornadas de trabalho dupla, alimentação saudável, de certa maneira ficam sobrecarregadas.

Entrevistada: Giani Americo Liebel**Entrevista realizada em 12 de agosto de 2021.**

Giane conta que a principal motivação para a escolha da sua temática foi a sua própria história de vida e da sua mãe, percebendo a desvalorização e como não tinham voz ativa e nem reconhecimento. Queria perceber os avanços, quanto aos direitos das mulheres.

As suas principais dificuldades para a realização da pesquisa foram a correria do dia a dia, falta de tempo, por morar em outro município e realizar a pesquisa em outro. Em relação às entrevistas com as mulheres, percebeu que na presença do marido/ figura masculina, elas tinham restrição na fala, pensavam, mas não conseguiam expressar naturalmente, receio de ser mal interpretada.

Referente à abordagem da temática no currículo do curso, relata que foi a partir daí que viu abrir novos horizontes, que existem outros modos de ver e viver a vida. Segundo ela, “o conhecimento faz a gente ter mais força para por em prática o que pensamos!”.

Através da sua pesquisa, teve acesso a novos conhecimentos sobre mulheres, seus direitos, como conciliam a correria da vida, alimentação saudável e todas essas informações trazem contribuições para a vida pessoal, todo conhecimento contribui.

Sobre ser uma mulher do campo, nos dias atuais, não se considera, pois reside em um município urbano, e seu modo de vida não está mais diretamente ligado ao campo, não produz mais nada, contudo sempre que pode volta para a cidade de origem e sua história de vida se deu no meio rural. Observou avanço nos direitos e políticas públicas para as mulheres do campo, contudo a presença do patriarcado ainda é um fator importante nesse meio. Sempre que tem oportunidade fala sobre sua pesquisa com outras mulheres.

Quanto à abordagem da temática nos TCCs, considera estranho que existam tão poucos, pois a maioria das estudantes, tem ligação com o campo, direta ou indiretamente, contudo depende muito do foco de estudo, o desejo de trabalhar com o assunto e por ser um curso para formar educadores, preferiam partir mais para a área da educação.

Para Giani, mulheres do campo são guerreiras, batalhadoras, que estão buscando e conquistando direitos, buscando cada dia mais ter voz ativa nos diferentes espaços.

Entrevistada: Eduarda Yanara Souza dos Passos**Entrevista realizada em 16 de agosto de 2021.**

As discussões de gênero sempre estiveram presentes nas suas falas, na trajetória acadêmica. Portanto sabia que essa temática estaria presente no seu trabalho, só não sabia que seria da maneira que fez, com as discussões que trouxe, mas de alguma forma estaria presente no TCC. Observando e presenciando situações na escola em que trabalhava no início do curso, escola esta que recebia na sua grande maioria estudantes oriundos do campo, percebeu o quanto fazia falta debater sobre esses assuntos e isso a impactava bastante, por todos esses motivos, sabia que trabalharia isso na sua pesquisa. Sobre os desafios, relata que umas delas foi trabalhar/debater sobre essa temática em uma escola onde as pessoas não estão acostumados a te ouvir e ouvir sobre o sobre. A resistência de alguns profissionais fez com que necessitasse retirar alguns assuntos do contexto, limitando algumas discussões, segundo ela “isso acaba limitando a gente, porque como é que estou lá no meio da discussão e vou virar pro aluno e falar, não, não, não posso falar sobre o assunto, sendo que estou lá propondo que se possa conversar sobre essas coisas”. Outro desafio foi criar uma relação com os estudantes, pois em sua opinião para se tratar dessas questões é necessário conhecer melhor o outro, para que se sentissem a vontade para falar, em se expor, talvez necessitasse de uma maior movimentação, para estar mais presente nesse ambiente, para aprofundar essa relação de confiança.

Seguindo, sobre a presença da temática no currículo do curso, para ela está bastante presente, na grande maioria das disciplinas houve essa discussão, contudo, faltou um aprofundamento científico maior, para que depois pudéssemos falar com mais embasamento sobre o assunto. Se fala muito sobre termos como emancipação, equidade, de um modo superficial e que, em sua opinião, precisaria de um aprofundamento maior.

Quanto às contribuições de trabalhar a temática, fala que todo trabalho acaba agregando algo, “em como a gente constrói as coisas”, tanto no profissional quanto no pessoal, por exemplo, como lidar com as pessoas, como falar sobre determinados assuntos, “eu aprendi muito sobre o quanto a gente precisa de delicadeza para essas coisas, a gente falava isso muito no curso, que a gente precisa fazer as coisas com afeto, com carinho, e aí no meu TCC eu falei o tempo todo sobre isso, de como as construções para mim foram mais fáceis, por que foram de formas afetivas, para trabalhar com todo mundo, até quando eram criadas barreiras, por que aquilo era muito importante para

mim”... “por que uma coisa é você falar em uma sala de aula com vinte dos teus colegas e outra é chegar num contexto totalmente diferente, enfrentar direção, professores e chegar numa sala com trinta alunos e se perguntar e aí”, isso proporcionou um crescimento muito grande.

Sobre se considerar uma mulher do campo, traz consigo um pouco dessa identidade, dessas discussões, mas não sabe se pode se denominar assim, por que ser mulher do campo, traz consigo outras intersecções, outras situações que elas acabam passando, que talvez não faça parte da sua vida. Como tratou sobre interseccionalidade no TCC, sente que tomar esse lugar seja errado, por que não sente todas as dores das mulheres do campo. Sobre compartilhar o resultado da sua pesquisa, relatou que, após concluir o trabalho, foi à escola em que realizou a pesquisa-ação para dar um retorno sobre o que foi produzido com eles, mas não foi compartilhado em outros espaços, talvez por falta de tempo, pandemia. Em conversas aleatórias, fala sobre, mas de modo superficial. Sobre o trabalho estar disponível no repositório da BU, pensa que é um meio de compartilhar, mas que nem todos tem acesso, culturalmente, nos contextos dos municípios rurais, as pessoas não tem costume de buscar essas informações. Lembrando de uma discussão, trouxe a seguinte fala “a Fátima Bernardes chega onde o feminismo não chega”, isso significa que as informações que queremos passar não chegam a todos os lugares, não atingem todo o público, mas o sinal de TV sim, mesmo que de modo superficial, talvez essa seja a informação que vai fazer a transformação na vida de uma pessoa, pois a maioria das casas, nos dias atuais, possuem um aparelho de TV, mas nem todos podem ter acesso a essas informações através de pesquisas acadêmicas como esta.

Sobre a quantidade de trabalhos referente à temática, pensa que a maioria prefere trabalhar temáticas de mais fácil aceitação e abertura dentro dos ambientes escolares. Falar sobre mulheres, gênero, ainda é muito complicado na sociedade em geral, é um desafio. Falar sobre mulher é um ato de resistência. Falar sobre mulher, sendo mulher e orientada por uma mulher, já traz consigo uma carga de informações e questões enorme. Destaca a diversidade que existe na Licenciatura em Educação do Campo, pois isso abre um leque de opções para trabalhar. Vai além de identificar-se com o tema, é uma questão de aceitar ou não o desafio.

Para Eduarda, Mulheres do campo ou pessoas que se identificam como mulheres, são as que vivem essa realidade e atuam no espaço do campo, estão inseridas nesse contexto, participando das discussões, enfrentando as opressões, os problemas, mesmo que não haja essa identificação profunda.

Entrevistada: Isabel Caro**Entrevista realizada em 28 de agosto de 2021.**

Motivação para escrever sobre a temática se deu pela origem histórica da agricultura, na cultura grega, que era representada pela Deusa Demeter, encarregada de revestir a terra, representa o feminino, responsável por criar toda a vegetação, as sementes. “Ela sendo uma mulher, acho que é mais essencial assim a busca do feminino em relação a agricultura, a ligação cíclica que a mulher tem com a natureza, ela participa mais visceralmente desses ciclos da natureza, tendo filhos, ciclos da lua, da menstruação e tudo mais... Então acho que é a mulher que tem essa relação mais biológica com os ciclos da natureza”. Para ela o feminino sempre está mais ligado à agricultura, bem como a educação, a nutrição. Na atualidade, inspirou-se também, na ativista Vandana Shiva, Indiana, que conseguiu muitas coisas de grandes corporações em favor de uma agricultura mais sustentável, da defesa da natureza, possui banco de sementes em Nova Deli, fala muito em favor das mulheres e tem como movimento atual o ecofeminismo. Para Isabel, trazer essa evolução através do tempo é muito importante.

Fator complicador para elaborar a pesquisa foi a escolha de três temas. Primeiro a mitologia grega, o feminino em relação a natureza, em seguida entender e aprofundar a questão da *physis*, a física, até onde se desenvolve toda a questão filosófica, e novamente trazer esse resultado no aspecto feminino. Usou também o filósofo Xenofonte, na sua obra econômico, na qual ele elogia muito o trabalho do agricultor e dá ênfase a educação, a organização e o papel da mulher na propriedade, mas que não conseguiu desenvolver da maneira que esperava, desejava ampliar mais sobre. Finalmente o Ecofeminismo, que pode se dizer que é uma corrente do feminismo, e defende várias questões, como uma cultura da terra mais sustentável, a defesa da natureza, da vida, e geralmente quem desempenha esses papéis são as mulheres. Segundo ela, foi perdendo o time, pois acontecem várias outras situações externas, com filhos, “as vezes falta um pouco de disciplina”. Também já havia feito uma pesquisa sobre sementes, que também tinha interesse em inserir no trabalho, mas aconselhada pela orientadora, focou nesses temas. Sua turma já havia se formado há algum tempo, pois era a primeira turma de Educação do Campo, e ela queria concluir essa etapa. Em relação a abordar a temática da mulher, não teve restrições ou dificuldades, teve uma boa recepção, devido a ser um tema inovador.

Sobre a abordagem da temática no currículo do curso, tiveram coisas esporádicas, nada muito aprofundado. Em algumas disciplinas como teorias da educação, com a professora Adriana Agostini, tinham exemplos de mulheres, acolhida na colônia, trabalhos de colegas que traziam essas questões, mas não se recorda de nada mais além.

Sobre contribuições pessoais, fala sobre a importância de aprofundar seus conhecimentos, pesquisar, se dedicar e compartilhar esses conhecimentos, especialmente sobre a temática feminina na mitologia, que é algo que não tinha sido feito na Educação do Campo.

Sobre se considerar uma mulher do campo, considera sua trajetória de vida, cresceu no campo, seus pais eram camponeses, depois dos oito anos mudou-se para a cidade, mas sempre teve esse contato com o campo, mesmo morando em uma capital (Florianópolis), tem essa ligação com a terra, mora na cidade, mas cercada pelo verde. Contudo não pode se dizer que é do campo, pois apesar de tentar levar uma vida ligada a terra, produzindo alguns alimentos, animais, “mas daí já não posso falar de uma realidade que eu não tô lá, do que seria uma mulher do campo, ligada a agricultura”.

Compartilha a pesquisa com outras mulheres, por ser professora de yoga, está sempre trazendo essa temática à tona, acha extremamente importante falar sobre isso com outras mulheres.

Sobre a abordagem da temática nos TCCs, acha que seria talvez a questão de se pensar um pouco melhor sobre a inserção do tema no currículo, a importância de se trabalhar/aprofundar sobre isso dentro do curso, voltar o estudo para a condição da mulher do campo. Falar sobre mulher, centralizar ela como objeto de pesquisa, vai inspirar outras ou outros. Para ela a mulher é inspiração e precursora em muitos outros aspectos da vida, na educação isso também é muito importante, para que ela seja valorizada, e sua sensibilidade para várias questões não seja taxada como coisa de mulher. “A mulher é um agente transformador”.

Sobre o que é ser mulher no/do campo, fala sobre a ligação com a agricultura, a agroecologia, que elas estão muito a frente de uma agricultura que muitos desejam. Mulheres do campo são muitas vezes sobrecarregadas, nesse ponto traz a importância de novas tecnologias que facilitem esse trabalho. “As vezes a mulher acaba se sobrecarregando, por que se ninguém faz, a mulher faz”. Destaca a importância delas na alimentação saudável, e na educação do campo, para formar cidadãos conscientes do seu papel.

3.2 Análises possíveis: as mulheres do campo e as relações de gênero

Com a conclusão das entrevistas e elaboração das sínteses, passamos a construir um exercício de análise entre o que elas falaram, em relação ao que consta nas monografias, e os intuítos desta pesquisa, ou seja, problematizar a presença da temática das mulheres do campo nos TCCs da Educampo-UFSC. Assim, na reflexão que apresentaremos a seguir consta entre aspas as falas das egressas e como todas se referem às entrevistas apresentadas no item anterior, no qual indicamos o nome completo da egressa e a data da entrevista, não faremos uso de referências. Além disso, vamos optar por usar o primeiro nome e não o sobrenome, assim tornamos o diálogo reflexivo mais sensível.

Durante a elaboração deste trabalho, em contato com as egressas que abordaram a temática de gênero e mulher do campo em seus TCCs, observamos que de modo geral isso tem uma relevância pessoal para todas. Cada egressa traz consigo uma trajetória de vida diferente, mas em algum momento, discutir e conhecer melhor a temática, teve um sentido maior na vida como mulher e como acadêmica, ampliando a visão e atingindo novas percepções sobre o assunto. De algum modo, todas se descobriram através do curso ou através de trabalhos referentes ao tema, como sujeitas políticas que não aceitam certas situações referentes às questões de gênero e femininas, que são ditas como normais na sociedade. Cristiane, por exemplo, disse que “Durante o curso e durante a minha construção pessoal como mulher, assumi papéis dentro da comunidade, que fui vendo que enfrentava dificuldades que um homem não enfrentava”. Debater e enfrentar essas situações, fez com que essas mulheres se percebessem e atingissem uma mudança na sua realidade e, a partir daí, despertou nelas o desejo de mudar a realidade ou dar visibilidade a outras mulheres, através do seu conhecimento. Para a pesquisadora, Maria de Lourdes Soares Pereira, o acesso à educação pode ser transformador para as relações de gênero:

As relações entre homem e mulher são também um fenômeno de ordem cultural e podem ser transformadas. A educação, nesse caso, de caráter contra hegemônico, desempenha importante papel, pois por ela podem ser (des)construídos valores, compreensões em relação ao conceito de gênero e este último permite pensar as mudanças sem transformá-las em desigualdades. (PEREIRA, 2014, p. 11)

Na maioria das entrevistas percebe-se que o curso de Licenciatura em Educação do Campo, através das discussões sobre gênero, principalmente sobre o papel das mulheres na sociedade, fez com que essas mulheres visualizassem um modo diferente de ver a realidade da sociedade em que estavam inseridas. Podemos perceber isso em algumas falas, como por exemplo quando Fabiana diz “eu sabia que eu gostaria de falar alguma coisa assim sabe e com o decorrer do curso que a gente começou a ter aulas de gênero e essas coisas, aí eu me descobri, pensei meu Deus, é isso que eu quero pra minha vida sabia e vou dar um jeito de falar de mulher”. No caso dela, pode-se perceber que o interesse pelo assunto já existia, mas o acesso ao conhecimento que o curso proporcionou com esses debates, foi o impulso que faltava para levar adiante esse desejo. Isso ficou ainda mais evidente em outro trecho onde ela fala: “Eu não me vejo fazendo outra coisa, essa pesquisa faz parte da minha vida”. A fala da Fabiana registra esse encontro reflexivo entre o que já fazia parte de seus interesses e o que o curso proporcionou, neste sentido, reforçamos esse entrecruzamento da relevância do acesso à educação de qualidade para as mulheres do campo, com o que registra a pesquisadora Maria de Lourdes Soares Pereira que também estudou o tema:

O protagonismo das mulheres camponesas como sujeitos coletivos, a partir do acesso a espaços de formação, capacitação, cursos promovidos por entidades parceiras da Educação do Campo e pelo próprio Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, questiona as relações de poder centradas na dominação das relações de gênero, propondo uma nova identidade feminina e masculina, trazendo para a agenda temática de discussões a problemática das relações de gênero. (PEREIRA, 2014, p.12)

Poder ter acesso a esse conhecimento, teve um impacto pessoal na trajetória de vida de cada egressa. Cada uma de um modo diferente, seja para sair de relações pessoais tóxicas ou percebendo quantas oportunidades diferentes poderiam ter se tivessem acesso a esse conhecimento desde a infância, passaram a perceber a realidade das mulheres que estão ao seu entorno e que antes passava despercebida. Para Luana, o que a impulsionou a escrever sobre essa temática foi a realização de um trabalho acadêmico, logo no início do curso, durante o Tempo Comunidade, na disciplina de Sujeitos do Campo I, que fez com que ela refletisse “poxa, eu vivia aqui, e olha a questão que tinha ali dentro daquela casa e eu não via”. Podemos perceber então, que muitas vezes as situações estão muito próximas da nossa realidade, só nos falta algo que nos leve a perceber de modo crítico e não naturalizado.

Eduarda também destacou o crescimento pessoal e profissional que o desenvolvimento e conclusão da monografia trouxe para ela, citando a diferença de debater isso dentro do curso e fora dele: “por que uma coisa é você falar em uma sala de aula com vinte dos teus colegas e outra é chegar num contexto totalmente diferente, enfrentar direção, professores e chegar numa sala com trinta alunos e se perguntar e aí”. Isso faz com que o acadêmico desenvolva, além da sua autonomia, novos caminhos, para tratar dessa temática em diferentes espaços e no caso da Eduarda, o espaço escolar, na sua atuação como professora.

Giani compartilhou que a universidade, através dos debates sobre a temática, fez com despertasse nela um desejo de conhecer mais e visualizar novos horizontes, até mesmo pessoais. Já para outras egressas o tema precisaria ser trabalhado de modo mais aprofundado, pois segundo elas foi abordado com um pouco mais de ênfase nas disciplinas que tinham a temática na ementa, como no caso das disciplinas de Aprofundamento Temático II e V, e nas outras quase não foi debatido. Questão que podia vir também nas disciplinas de Fundamentos de Ciências da Natureza e Matemática. Para Kátilla a abordagem do tema dentro do curso, dentro das ementas de algumas disciplinas existe e isso já representa um avanço. Porém, segundo ela, depende do docente.

Neste sentido, podemos refletir que a temática está contemplada diretamente na ementa de algumas disciplinas e em algumas de modo indireto, no entanto, o efetivo processo de ensino/reflexão do tema ainda fica circunscrito à opção do docente, segundo muitas das entrevistadas. Mas, as mudanças curriculares que o curso passou nos últimos anos, reforçou o tema dentro do curso, conforme fica registrado na fala da Isabel, egressa da primeira turma de Educação do Campo da UFSC, que diz que essas discussões eram esporádicas, sem aprofundamento, e nas turmas mais recentes já se percebe um importante aumento desses debates. Contudo, Eduarda trouxe em sua entrevista essa falta, dizendo que se fala muito sobre termos como emancipação, equidade, de um modo superficial e que, em sua opinião, precisaria de um aprofundamento maior. A fala da Eduarda é muito relevante neste sentido, já que temas como emancipação e equidade representam as lutas dos povos do campo. Luana em uma das suas falas, relata que sentiu falta também de se trabalhar com mais pesquisadoras e cientistas mulheres, e isso está relacionado a prática pedagógica de cada docente. O que Luana destaca em sua fala é ainda um problema das universidades e não

está restrito apenas a questão das mulheres do campo, mas das mulheres de modo geral na ciência.

Em relação às dificuldades em trabalhar a temática, algumas autoras não tiveram problemas para desenvolver a pesquisa. Mas, apresentaram algumas dificuldades como bloqueio na escrita e problemas pessoais, sendo que muitas vezes as questões pessoais estão ligadas à condição de mulher. Mas, não exploramos esse aspecto na entrevista, considerando que excederia os objetivos desta monografia.

Algumas relataram certos conflitos durante a elaboração do trabalho. Gislaine e Luana tiveram problemas para conseguir agendar entrevistas com órgãos oficiais para conversar sobre o tema. Para elas isso tem relação, pois o mesmo órgão as atendeu em outra ocasião para falar sobre outra temática de modo mais rápido. Com isso, pode-se observar que, falar sobre a temática ainda gera conflitos em determinados espaços, principalmente quando homens estão à frente.

Dentro da monografia, nas considerações finais, Gislaine aponta as seguintes questões:

Finalmente, apesar de um discurso pró-agroecologia e igualdade entre gêneros, pouco se percebeu de concreto nas ações empreendidas pela secretaria municipal de educação. A Epagri, da mesma forma, poderia ter uma ação mais pró-ativa no sentido de reconhecer e enfrentar as desigualdades entre gêneros ainda presentes no campo. Uma forma de fazer isso seria flexibilizar horários e locais de atividades, oferecer cirandas, realizar formações para os homens abordando tais problemáticas, entre outros. (DUFFEK, 2020, p. 57-58)

Para Gislaine, os órgãos oficiais, além da dificuldade em falar sobre as questões de gênero no campo, deixam a desejar no que diz respeito a uma atuação mais efetiva para buscar meios de diminuir essas desigualdades, conforme reforçou durante a entrevista que realizamos.

Eduarda, que trabalhou as questões de gênero na Educação Sexual, precisou alterar o cronograma de sua pesquisa, para minimizar conflitos no local onde realizou a pesquisa. Em um trecho da entrevista, Eduarda compartilhou essa dificuldade: “isso acaba limitando a gente, porque como é que estou lá no meio da discussão e vou virar pro aluno e falar, não, não, não posso falar sobre o assunto, sendo que estou lá propondo que se possa conversar sobre essas coisas”. A partir dessa fala, podemos perceber que a sociedade ainda tem muitos bloqueios em relação a determinados temas e isso também é um fator que leva professores a ter um certo receio de trabalhar mais profundamente essas temáticas nos ambientes escolares, o fato de sofrer represálias por parte da

comunidade escolar. Eduarda deixa isso claro também quando fala que “falar sobre mulher é um ato de resistência”.

Mesmo com um significativo avanço dos debates referentes às questões de gênero dentro do curso, a quantidade de trabalhos, em relação ao número de egressos, foi relativamente pouca, a nosso ver. Em especial, considerando a quantidade elevada de egressas. Durante as entrevistas, algumas falas trouxeram possíveis explicações sobre essa questão, considerando que ainda apenas mulheres defenderam pesquisas sobre questões de gênero. Fica expressivo que a escolha do tema para as egressas que estamos analisando passa pela necessidade de discutir/entender a questão na vida pessoal. Precisa existir uma empatia, como podemos perceber na fala da Luana, “talvez a explicação esteja aí, se eu não me enxergo no outro, não sofro as mesmas dores, é difícil falar sobre isso, e isso está em diversas outras questões. Nós mesmas mulheres, não enxergamos diversas questões que afetam outras mulheres”. Isso também se fez presente quando Gilaine diz que “a pessoa tem que se sentir dentro daquela realidade, o tema do teu TCC tem que ser algo que te toca, do contrário não aprendeu nada”.

Outros apontamentos sobre essa questão também apareceram durante as entrevistas está relacionado ao currículo do curso, do aprofundamento dessas discussões, principalmente em relação às mulheres camponesas, como no caso da egressa Isabel, que acha que seria talvez a questão de se pensar um pouco melhor sobre a inserção do tema no currículo, a importância de se trabalhar/aprofundar sobre isso dentro do curso, voltar o estudo para a condição da mulher do campo. Ou também sobre ter a “coragem”, de enfrentar e quebrar algumas barreiras sociais, como sugere Eduarda em sua entrevista, quando relata que vai além de identificar-se com o tema, é uma questão de aceitar ou não o desafio.

Sobre as questões de se ver como mulher camponesa, a situação atual destas e a definição dessa denominação, a maioria das egressas trazem consigo uma trajetória de vida diretamente ligada ao campo, contudo com o tempo, acontecem mudanças na vida pessoal e profissional que alteram essa realidade e passam a se questionar se ainda pertencem a esse espaço. Cristiane, Kátilla, Giani, Luana, Eduarda e Izabel trouxeram considerações a respeito da mudança de município ou de trabalho, para explicar que não passam por todas as situações que uma mulher do campo enfrenta no seu cotidiano.

Fabiana trouxe uma fala que sintetiza as falas como um todo, “acima de tudo ser mulher do campo é um ato de resistência, então se reconhecendo ou não como camponesa, resistam”. Mulheres camponesas sofrem diversos tipos de opressões,

sofrem para resistir ao agronegócio e ao capitalismo, sofrem para não desistir e lutar pela agroecologia, tudo isso são atos de resistência. Então, se percebendo ou não como mulher do campo, é quase um dever pessoal, enxergar as situações que abrangem essas mulheres nesse espaço e buscar meios de dar visibilidade para essas sujeitas, para que elas possam ter voz nos diferentes espaços da sociedade. Para que suas lutas sejam reconhecidas e valorizadas e para que elas não sejam reféns de um sistema que as exclui e invisibiliza. Essas pesquisas são contribuições importantes, mesmo que em pequena escala, para que essas mudanças aconteçam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo quantificar e analisar a presença da temática feminina nos Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC, bem como, problematizar a organização do currículo do curso em relação a essa temática; a relevância da temática dentro da amostra das 81 monografias disponíveis on-line, cobertas pelo período de 2013 a 2020/2, os debates sobre as mulheres do campo na bibliografia de referência e a minha história como mulher que se percebe como pessoa do/no campo e protagonista da própria vida.

Com este trabalho foi possível compreender a relevância do debate da temática da mulher do campo e de gênero nos espaços educacionais, e mais ainda a importância dessa temática ser abordada nos cursos superiores, através dos trabalhos acadêmicos. Dar voz e visibilidade, através de pesquisas, para quem geralmente não consegue esse espaço na sociedade em geral. Pois para a professora Debora Amaral, na entrevista que citamos no decorrer deste trabalho,

Sim, o processo de desigualdade está mudando, mas ainda longe de estar bom. Ainda está péssimo para nós, mulheres. E para mulheres pobres, negras, camponesas e periféricas, pior ainda. Acredito que o acesso ao ensino superior tem possibilitado um processo de transformação na vida dessas mulheres, principalmente um curso que se propõe a discutir questões de gênero, de direito, de acesso e permanência no ensino superior, que foi negado a vida toda pra classe popular. Isso possibilita um processo de conscientização. (COUZEMENCO, 2021)

Portanto, cursos como o de Licenciatura em Educação do Campo, proporcionam às mulheres como as que foram foco dessa pesquisa, bem como, as autoras das monografias e a mim, oportunidade de acesso ao conhecimento científico, que na maioria das vezes nos é negado e nos possibilita nos vermos enquanto mulheres, nos conscientizando e nos empoderando. É necessário buscar esses conhecimentos, para agregá-los aos que já possuímos, para entender o nosso papel nessa sociedade atual e o que podemos fazer para que outras mulheres possam ter acesso às mesmas e a mais oportunidades.

Percebemos que das 81 monografias disponíveis para análise, 62 foram defendidas por mulheres. Mas, apenas nove escolheram colocar em foco a temática das mulheres do campo e das relações de gênero, mesmo considerando que o número poderia ser maior, compreendemos que essas nove ousaram se olhar e olhar para outras mulheres do campo e colocá-las como protagonistas e que possuem espaço nas

discussões acadêmicas e que suas histórias são importantes e fundamentais para a formação de um mundo mais igualitário e emancipado, proporcionando, deste modo, a oportunidade a outras mulheres de serem vistas, de mostrarem suas potencialidades, suas lutas e seus ideais. Mulheres como a Dona Marilda e outras que fazem parte do MMC, citadas no trabalho da autora Fabiana, que lutam com toda garra pela agroecologia, apesar das diversas barreiras que encontram na sociedade. Também das mulheres agricultoras, que são protagonistas na produção e no trabalho dentro da propriedade, como nos casos dos TCCs das autoras Giani, Gislaíne e Luana, que trouxeram esse protagonismo, mas que, mesmo estando à frente em muitas situações, ainda são vítimas de questões referentes a esse sistema, como a desvalorização e a dupla jornada de trabalho. No trabalho da Cristiane, podemos perceber do que esse sistema historicamente imposto às mulheres é capaz, quando ela nos apresenta histórias de mulheres que sofreram na pele diversos tipos de violência e a dificuldade de acesso às políticas públicas que poderiam ampará-las.

As egressas, autoras dos trabalhos analisados, são mulheres oriundas de municípios essencialmente rurais, com diferentes histórias de vida, mas com pontos em comum. Como por exemplo, o despertar instigado pela Educampo/UFSC em aprofundar o seu conhecimento sobre as questões voltadas às mulheres. Hoje algumas seguem sua vida como educadoras ou trabalham no sistema educacional, como Cristiane, Luana, Kátilla, Gislaíne, Eduarda e Fabiana. Outras trabalham transformando a autoestima das mulheres através de mudanças na sua beleza exterior, como Giani e Juliana, e Isabel trata da beleza interior através de aulas de Yoga. Algumas delas, além de educadoras ainda são acadêmicas, pois estão se especializando, fazendo mestrado, no caso da Fabiana, Kátilla e Eduarda. Mas o que se percebe é que todas, a partir do contato com as discussões de gênero, buscaram novas perspectivas de vida, com mudanças pessoais significativas.

Os trabalhos acadêmicos dessas nove mulheres que fizeram parte da pesquisa é a consolidação da relevância de cursos que possuem em seu currículo o debate de gênero e da história das mulheres, indicando a valorização crítica da mulher, a mulher como portadora e produtora da vida e do conhecimento. Mesmo que em alguns pontos ainda seja necessário avançar, os cursos que realizam essa discussão de modo sério e problematizador e não apenas como um marco de tema transversal, como na questão das relações de gênero, esses cursos estão de alguma maneira inspirando mulheres a inspirar outras mulheres, e que apesar de ainda serem relativamente poucas nos espaços de decisão, são agentes transformadores em tantas histórias de vida.

Para complementar e finalizar, a partir desse ponto, trago o restante da narrativa da minha vida como mulher, mãe e universitária e a importância que o acesso à Educação Superior, através do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na UFSC, teve em minha trajetória.

Chegando em Florianópolis, na UFSC, para as primeiras semanas do Tempo Universidade-TU, comecei a entender um pouco mais do que se tratava o curso, jamais esquecerei a apresentação do curso, que fez com que por alguns instantes, eu e uma grande maioria se perguntasse: O que é que eu estou fazendo aqui? Bom, mas essa pergunta ficou no passado, e a cada dia eu me encantava por todo conhecimento e oportunidades que esse curso me oferecia, sem contar que, através dele, conheci um pouco de Florianópolis, Ilha da Magia, se não fosse o curso, seria pouco provável.

Logo no começo do primeiro ano de curso, meu casamento que já não estava muito bem, terminou e eu saí de casa levando meus filhos comigo. Pode-se imaginar que o que já era complicado em dois, ficou ainda mais, sendo sozinha e morando de aluguel. Agora eu era mãe e responsável por duas crianças, casa, trabalho, estudo, imaginei que teria que renunciar a alguma coisa, e essa foi a primeira vez que cogitei em desistir do curso, graças a muitas conversas com colegas e professores, especialmente o Professor Wilson Schmidt (Feijão), e a bolsa do PIBID, continuei minha trajetória no curso.

Em outros momentos também pensei em desistir, afinal para uma mulher separada, com dois filhos, na maioria das vezes as coisas não acontecem como esperado. Quando imaginei que tudo estava encaminhado e que nada mais me surpreenderia até me formar, no final do terceiro ano de curso, descobri que estava grávida e sozinha. Nesse momento, senti que tudo ia desabar, foram vários sentimentos ao mesmo tempo, eu não teria o apoio do pai do bebê e não fazia ideia que rumo seguir. Surgiram várias dúvidas, não sabia se teria condições, tanto financeiras quanto psicológicas para enfrentar essa situação. Mas, resolvi enfrentar, nunca esquecerei que nesse momento, recebi um carinho enorme da maioria dos meus colegas, alguns em especiais, e dos meus professores. Assim, consegui encerrar o quarto ano de curso, sem nenhuma disciplina pendente, e com a minha Ayla nos braços.

A Licenciatura em Educação do Campo me proporcionou momentos incríveis de aprendizado, me fez compreender melhor a minha história de vida como mulher e o espaço em que estou inserida, me fez crescer como ser humano, crítico e pensante, me fez entender melhor o meu papel na sociedade e me fez valorizar todo conhecimento

que o campo produz, seja ele empírico ou comprovado cientificamente. Através do curso, tive a oportunidade de conhecer melhor o meio em que me encontro, através de pesquisas, trabalhos, estágios, vivendo e compreendendo a realidade de modo crítico.

Assim, depois de todo conhecimento que tive acesso através do curso, vários conceitos que trazia como verdade na minha vida mudaram, agora também tento passar isso a frente, especialmente para os meus filhos, quero que eles possam aproveitar as oportunidades, que sejam seres humanos que façam a diferença na sociedade, positivamente, e que respeitem todas as formas de agir, ser, pensar, das outras pessoas. E quanto a isso, posso dizer que já estou colhendo os frutos, pois minha filha Emily, passou em três universidades federais, UFSC, UDESC E UEPG, e escolheu, para minha imensa alegria, cursar História na UFSC, um ensino público e de qualidade. Ver minha filha se tornar um ser humano que não aceita se submeter a situações que a desvalorize e a incapacite, ver ela buscar a própria trajetória, aproveitar as oportunidades e saber que isso tem muito a ver com a minha trajetória acadêmica e com o conhecimento que eu compartilhei com ela, é algo inexplicável.

E por toda a minha trajetória de vida, acredito ser uma mulher do campo, pois nesses trinta e cinco anos de existência, fiz parte de uma realidade que, apesar de alguns avanços, ainda sofre com um sistema patriarcal e machista. Por mais que nos dias de hoje, vejamos exemplos de mulheres protagonistas nesse espaço, se formos buscar, encontraremos questões que as atingem dentro desse sistema. Senti na pele diversas situações que as mulheres ainda sofrem atualmente, como a desvalorização e a sobrecarga do trabalho, o desrespeito por querer buscar novas oportunidades. Nos dias atuais, talvez, isso já não se faça tão presente na minha vida, e eu já não enfrente tantas dificuldades quanto antes, devido as mudanças de trabalho e de hábitos. Também porque hoje compreendo que essas situações não são normais, que mesmo com pequenas atitudes, podemos ir alterando essa realidade. Contar um pouco sobre a minha história, pode contribuir, para que futuramente, outras mulheres do campo, ou até mesmo fora dele, possam ver que as oportunidades estão aí e que precisamos aproveitá-las, e através delas mudar a nossa realidade e a de outras nas mesmas condições.

Com todos esses fatos, ficou mais fácil compreender a dimensão do meu orgulho e da minha gratidão pela oportunidade que a Universidade Pública me proporcionou ao cursar a Licenciatura em Educação do Campo, porque quando eu achei que não seria capaz de mudar a minha história, me mostraram que eu sou, me mostraram que o meu mundo era fechado e pequeno e que a diversidade de pessoas e conhecimento é infinito

e maravilhoso. E para uma mulher que nasceu e permaneceu sempre no contexto rural, ter acesso a tudo isso, foi como abrir as portas para um mundo novo, no qual eu sou capaz de fazer uma grande diferença, seja como educadora ou simplesmente como mulher que entende e conhece a sua capacidade de transformar a sua realidade.

Então, abordar a temática da mulher do campo nesse trabalho, teve um significado importante, porque faz parte da minha história, e sei quantas dificuldades, preconceitos, injustiças ainda sofremos na sociedade, simplesmente por sermos mulheres. Contudo, observar as mudanças acontecerem nesse cenário, mesmo que seja pouco a pouco, e saber que somos capazes e estamos fazendo parte dessa mudança é algo que não tem como dimensionar. Poder ver, colegas de curso e de profissão, trabalhando essas questões, buscando da melhor maneira possível valorizar e melhorar as relações sociais de gênero no campo, em que a mulher tenha o seu papel transformador reconhecido, valorizado, traz a certeza que mesmo em pouca quantidade, algumas “formiguinhas teimosas”, como li no trabalho da autora Fabiana, estão fazendo a sua parte para que as lutas dessas sujeitas não sejam esquecidas.

Quanto à importância da minha história, creio que assim como eu, muitas mulheres do campo, e fora dele, que engravidam e se casam na adolescência, ficamos por um tempo com o pensamento de que não teremos acesso a uma universidade, que não somos capazes de outras coisas além do cuidado com os filhos/família e trabalho, mesmo que essas funções sejam primorosas. Portanto, posso dizer que hoje em dia, minha história de vida pode servir como inspiração para outras mulheres, para que não desistam de seus sonhos, para que não se sintam incapazes, mesmo em meio a tantas dificuldades, e para que não se submetam a nenhum tipo de situação que as impeçam de buscar seus objetivos por medo do que a sociedade possa pensar.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. DECRETO. N. 7352, 04/11/2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.

Disponível em:

CALAÇA, Michela Katiuscia Alves dos Santos; CONTE, Isaura Isabel; CINELLI, Catiane. Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas.

Revista Brasileira de Educação do Campo, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 1156-1183, 2018.

Universidade Federal do Tocantins. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1156>.

CARO, Isabel Augusta Kahler. **A RELAÇÃO DA MULHER COM A NATUREZA: contribuições da mitologia grega, da filosofia pré-socrática e do ecofeminismo para a educação do campo**. 2017. 101 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CONTE, Fabiana. **A vida da mulher no campo: trabalho e (in) dependência**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Fabiana Conte.

CONTE, Isaura Isabel. **MULHERES CAMPONESAS EM LUTA: resistência, libertação e empoderamento**. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, Ijuí, 2011.

COUZEMENCO, Fernanda. Entrevista com Debora Amaral - Professora de Educação do Campo na Ufes. O poder transformador da Educação do Campo na vida das mulheres. *Século Diário*. Publicado em 09/03/2021. disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/o-poder-transformador-da-educacao-do-campo-na-vida-das-mulheres> acesso em: 07/09/2021.

DUFFECK, Gislaine. **O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE PAPANDUVA**. 2020. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FARIA, Nalu. **Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, p. 11-28, 2009.

FONSECA, Inara; CHERFEM, Carolina Orquiza. **CONTRIBUIÇÕES DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO A PARTIR DAS MULHERES:**

SUJEITAS POLÍTICAS, TERRA E AGROECOLOGIA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos Ceffas*. Petrópolis: Vozes, Paris: Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2007.

GUESSER, Adriana Petri. **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: causas e impacto na vida escolar de mulheres jovens de um município rural de Santa Catarina**. 2016. 41 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gênero e Diversidade na Escola, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de; CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 9, n. 8, p. 1-28, jun. 2006.

HOFFMANN, Juliana Aparecida. **A ESCOLA E A TENSÃO PERMANÊNCIA/SAÍDA DE JOVENS DAS UNIDADES FAMILIARES DE PRODUÇÃO E DE UM MUNICÍPIO "ESSENCIALMENTE RURAL"**: um estudo em itaiópolis. 2020. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

JESUS, Luana Ricardo de. **CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS MULHERES DO CAMPO EM RIO NEGRINHO – SC**. 2020. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

LIEBEL, Giane Americo. **ESTUDO DE CASO DE MULHERES E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA NA AGRICULTURA FAMILIAR EM MAFRA – Um estudo a partir da experiência da COOARPA - Cooperativa Agropecuária Regional de Pequenos Produtores**. 2020. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. A luta de enfrentamento cotidiana contra o capitalismo e o patriarcado no campo In: MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Feminismo Camponês e Popular**. Associação Nacional de Mulheres Camponesas- ANMC 2018.

Vanderléia L. P. Daron Zenaide Collet (Org.) MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. Mulheres: histórias de dor, resistência e emancipação. In: Movimento

das mulheres camponesas. **Mulheres Camponesas em defesa da saúde e da vida.** Chapecó: Associação as Mulheres Trabalhadoras Rurais da região Sul do Brasil, abril de 2008.

MUNARIM, Antonio. Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, Rs, Brasil, v. 33, n. 1, p. 57-72, abr. 2008.

PASSOS, Eduarda Yanara Souza dos. **RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:** uma prática emancipatória. 2020. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PEREIRA, Maria de Lourdes Soares. **As contribuições da Licenciatura em Educação do Campo na transformação das relações de gênero:** um estudo de caso com as educandas do assentamento virgilândia de formosa/go. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília/Unb, Brasília, 2014.

RIEG, Cristiane Floriano. **UMA HISTÓRIA SILENCIADA:** violência contra as mulheres no campo a partir do município de anitápolis-sc. 2019. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. **Revista Estudos da Religião**, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2008.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 30, n. 87, p. 123-139, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870008>.

SOUZA, Fabiana Cordeiro dos Santos de. **A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO GRUPO AMHO.** 2019. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 29, n. 105, p. 1089-1111, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302008000400008>.

STEFANES, Kátilla Thaian. **CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE:** implicações de uma prática pedagógica e uma pauta da educação do campo. 2020. 115 f. TCC

(Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

TEDESCHI, Losandro Antonio. A PODEROSA “MÃO INVISÍVEL” DA VIDA COTIDIANA: reflexões sobre gênero e trabalho na história das mulheres camponesas. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 26, n. 49, p. 438-457, dez. 2013.

Universidade Federal de Santa Catarina, **Alteração Curricular MEMORANDO N.º 33/LEdoC/2015 PROCESSO: 23080.024085/2015-69**, Licenciatura em Educação do Campo, 2015.

UFSC/EDUCAMPO. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Educação do Campo. PPC do curso de Licenciatura em Educação do Campo: área de Ciências da Natureza e Matemática. Florianópolis, 2009.

Universidade Federal de Santa Catarina, **Regimento do Colegiado do Curso PORTARIA NORMATIVA N° 003/CED/2019**, Licenciatura em Educação do Campo, 2019.

ANEXO 1: Categorias Temáticas presentes nos tccs da Educampo/UFSC dentro da amostra

EDUCAÇÃO/ ENSINO	
	Abordagem Temática
	Abordagem Temática Freireana
	Acessibilidade
	Acesso e Permanência no Ensino Superior
	Alunos com Deficiência
	Apostilamento
	Aprendizagem
	Arquitetura Enxaimel
	Atendimento Educacional Especializado
	Ciências e Matemática
	Conhecimento Popular e Científico
	Currículo
	Democratização de ensino
	Educação Brasileira
	Educação de Campo
	Educação de Jovens e Adultos
	Educação do Estado
	Educação do MST
	Educação Emancipatória
	Educação Escolar
	Educação Especial
	Educação Inclusiva
	Educação Infantil
	Educação Matemática
	Educação Omnilateral
	Educação Popular
	Empresariamento da Educação
	Ensino Aprendizagem
	Ensino de Ciências da Natureza
	Ensino de Ciências/Física
	Ensino de Física
	Ensino de Geometria
	Ensino Médio
	Ensino Médio Inovador
	Ensino Noturno
	Ensino Superior
	Ensino Técnico
	Ensino-Aprendizagem
	Epistemologia da práxis
	Escola
	Escola do Campo
	Escolarização
	Estágios docência
	Evasão Escolar Defasagem de Ensino
	Exclusão escolar
	Exercícios
	Fechamento de Escolas
	Filosofia PréSocrática
	Formação de professores
	Formação inicial de professores
	Fórum Nacional de Educação do Campo

	<p>Frequência escolar Inovação curricular Jogos Didáticos Leis Municipais Licenciatura em Educação do Campo Matemática do cotidiano Matriz formativa Mitologia Grega Modelagem matemática Modernização Conservadora Memória Oral Merenda Escolar Metodologia MST Narrativa Nova Galiléia Nucleação Pedagogia do Movimento Sem Terra Pedagogia Histórico-Crítica Pedagogia Socialista Perspectiva freireana Pesquisa-ação PNAE Políticas Públicas Projeto Político Pedagógico Resolução de Problemas Sala de Aula Invertida Tema Gerador Teoria Histórico Cultural Variações linguísticas</p>
INTERDISCIPLINARIDADE	<p>Interdisciplinaridade Ensino Médio Inovador Abordagem interdisciplinar</p>
AGROECOLOGIA	<p>Acolhida na Colônia Agreco Agricultura Agricultura brasileira Agricultura Familiar</p> <p>Agrotóxicos Alimentação Escolar Assentamentos da Reforma Agrária Associação Cooperação Empresas fumageiras Fumicultura Impactos ambientais Instrutor Agrícola Meio Ambiente Mineração Práticas agroecológicas Preservação Ambiental Produção de Alimentos SAFAs Unidades de Produção Familiar Trabalho</p>

	Trabalho infantil
JUVENTUDE	Juventude Rural Adolescentes Rurais Emancipação Envelhecimento do campo Jovens no meio rural Juventude do campo Migração
MULHER	Agricultoras Autonomia Divisão Sexual do Trabalho Ecofeminismo Invisibilidade do Trabalho da Mulher Mulheres do Campo Violência contra a mulher no Campo
RELAÇÕES DE GÊNERO	Corpo Humano Feminismo Gênero Relações sociais de gênero Sexualidade
INFÂNCIA	Brincadeira Educação Infantil
SABERES	Benzimento Conhecimento geracional Cultura Diversidade Falas significativas Fitoterapia Plantas medicinais Quilombolas Realidade Saberes locais Saberes populares Sujeitos do Campo Sustentabilidade Etnomatemática
OUTROS	Adultos Anitápolis Arquitetura Enxaimel Fluorita Indústria Farmacêutica Luta de classes PCH Pequenas Centrais Hidrelétricas Perímetro Urbano Rio Negrinho Sistema Capitalista Sono Tecnologias

ANEXO 2: Monografias que abordam a temática mulher do campo

Autora	Título	Orientadora	Ano de Defesa
Isabel Augusta Kahler Caro	A relação da mulher com a natureza: contribuições da mitologia grega, da filosofia pré-socrática e do ecofeminismo para a Educação do Campo.	Natacha Eugênia Janata	2017
Kátia Thaiana Stefanos	Corpo, gênero e sexualidade: implicações de uma prática pedagógica e uma pauta da educação do campo.	Carolina Orquiza Cherfem	2019
Cristiane Floriano Rieg	Uma história silenciada: violência contra as mulheres no campo a partir do município de Anitápolis-SC.	Carolina Orquiza Cherfem	2019
Fabiana Cordeiro dos Santos de Souza	A importância da agroecologia na vida das mulheres camponesas do grupo AMHO.	Carolina Orquiza Cherfem	2019
Eduarda Yanara Souza dos Passos	Relações de gênero e sexualidade na escola: uma prática emancipatória	Carolina Orquiza Cherfem	2020
Giane Americo Liebel	Estudo de caso de mulheres e suas histórias de vida na agricultura familiar em mafra – Um estudo a partir da experiência da COOARPA - Cooperativa Agropecuária Regional de Pequenos Produtores.	Thaise Costa Guzzatti	2020
Juliana Aparecida Hoffmann	A escola e a tensão permanência/saída de jovens das unidades familiares de produção e de um município "essencialmente rural"; um estudo em ITAIÓPOLIS.	Thaise Costa Guzzatti	2020
Gislaine Duffeck	O protagonismo das mulheres na produção agroecológica no município de PAPANDUVA.	Thaise Costa Guzzatti	2020
Luana Ricardo de Jesus	Construção da autonomia das mulheres do campo EM RIO NEGRINHO – SC	Thaise Costa Guzzatti	2020

**ANEXO 3: Programa de Ensino Disciplina
EDC 1468 - Aprofundamento Temático II - Gênero**

PROGRAMA DE ENSINO

I – IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA
<p>Código e Componente Curricular: EDC 1468- Aprofundamento temático II- Gênero (complementar)</p> <p>Ano e fase: 3º ano – 5º fase</p> <p>Carga Horária: 36 horas teórico-práticas</p> <p>Oferta: 334-Licenciatura em Educação do Campo</p>
II – EMENTA
<p>Diálogos entre a área CN e MTM e temas contemporâneos – gênero, corpo e sexualidade. Reflexões e aprofundamento sobre essa temática que atravessam a educação no/do campo. Direitos das mulheres e os movimentos sociais de mulheres do campo.</p>
III – OBJETIVOS
<p>OBJETIVO GERAL</p> <p>Dialogar e aprofundar estudos sobre relações sociais de gênero, corpo e sexualidade e suas implicações para a formação crítica e emancipatória de sujeitos no/do campo, bem como para a formação de professores e professoras.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Aprofundar as discussões sobre relações sociais de gênero e sexualidade a partir das relações de classe, gênero e raça e do conceito de divisão sexual do trabalho; ● Compreender o patriarcado como estrutural, o que afeta as representações sociais e as diferentes instituições, da qual a escola faz parte; ● Compreender a diferença entre gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero, bem como compreender as diferenças e diversidade; ● Compreender as diferentes ondas do feminismo e a organização das mulheres em nível mundial, no Brasil e no campo, guardadas as especificidades das mulheres negras, quilombolas, indígenas e do campo; ● Compreender a organização social das mulheres camponesas e as especificidades das questões de gênero no campo. ● Compreender as questões de gênero nos debates teóricos da decolonialidade e nos debates anti-imperialistas.
IV - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<ul style="list-style-type: none"> ● Conceitos básicos sobre gênero, corpo e sexualidade <ul style="list-style-type: none"> ● Corpo, sexualidade, diversidade e diferenças, identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e gênero como construção social; ● As relações sociais de gênero e suas diferentes perspectivas teóricas;

- Patriarcado;
 - Divisão sexual do trabalho;
 - Consubstancialidade e interseccionalidade das questões de classe, raça e gênero;
 - Gênero, decolonialidade e anti-imperialismo.
-
- Organização social e resistências
 - Movimento feminista e suas diferentes ondas e formas de organização;
 - Movimento das mulheres negras, indígenas e quilombolas;
-
- Mulheres camponesas e educação do campo.
 - Feminismo Camponês Popular
 - A questão de gênero e diversidade nos movimentos sociais do campo
 - Violência contra a mulher do campo.

V - BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. MEC. Agricultura Familiar: identidade, cultura, gênero e etnia. Cadernos Pedagógicos Saberes da Terra. Brasília: MEC/SECAD, 2008. (Caderno pedagógico Educadoras e e Educadores)

BRITTO, Néli S. e SARTORI, Ari. J. Gênero na Educação: espaço para a diversidade. Florianópolis: Genus, 2004.

LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEDEIROS. Leonilde S. (Org.). História dos Movimentos Sociais no Campo. (Introdução) Rio de Janeiro: Fase, 1989.

DE GRANDI, A.B. Relações de gênero em famílias agricultoras em Santa Catarina. In: PAULILO, M.I.S. e SCHIMIDT, W.(org.) Agricultura e espaço rural em Santa Catarina. Florianópolis:Edufsc, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHERFEM, C. O. Consubstancialidade de Gênero, Classe e Raça no Trabalho Coletivo/Associativo. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP.

DAVIS, Ângela. Mulheres, Raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dossiê Cartografias Descoloniales de los Feminismos del Sur. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v. 22, n. 2, agosto, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-026X20140002&lng=es&nrm=iso.

FEDERICI, Silvia, Calibã e a Bruza. Mulheres, Corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e as relações de sexo. In HIRATA, Helena (org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: editora UNESP, 2009. p. 67-75.

MARIANO, Alessandro; PAZ, Thaís Terezinha. Diversidade sexual e de gênero no MST: primeiros passos na luta pela diversidade sexual. In NOGUEIRA, Leonardo (org.). Hasteemos a bandeira colorida. São Paulo: expressão popular, 2018.

MEZADRI, Adriana Maria (et al) (orgs). Feminismo Camponês Popoluar. Reflexões a partir de experiências no movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: outras expressões, 2020.

NOGUEIRA, Leonardo; PEREIRA, Maysa; TOITIO, Rafael. O Brasil fora do armário. Diversidade sexual, gênero e lutas sociais. São Paulo: expressão popular, 2020.

PAULILO, Maria Ignez. Mulheres Rurais. Quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Editora UFSC, 2016. 249-277.

Saffioti, Heleieth I. B. Gênero, Patriarcado e Violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 53-60; 105-107.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, n. 2, jul/dez, 1995.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. e-cadernos CES [Online], 18 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533> ; DOI : 10.4000/eces.1533

SEGATO, Rita Laura. El sexo y la norma: frente estatal, patriarcado, desposesión, colonidad. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis , v. 22, n. 2, p. 593-616, agosto 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000200012&lng=es&nrm=iso>.

WEINSTOCK, Ana Mariel. Aportes del feminismo a la lucha socioambiental. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 22(2): 304, maio-agosto/2014.

**ANEXO 4: Programa de Ensino Disciplina
EDC 1471 Aprofundamento Temático V - Gênero**

PROGRAMA DE ENSINO

I – IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA
<p>Código e Componente Curricular: EDC 1471 - Aprofundamento temático V – Gênero (ATPA)</p> <p>Ano e fase: 4º ano - 8ª fase</p> <p>Carga Horária: 36 horas práticas</p> <p>Oferta: 334 - Licenciatura em Educação do Campo</p>
II - EMENTA
<p>Diálogos entre Escola, Ensino de CN e MTM, a Educação do Campo e temas contemporâneos – gênero, corpo e sexualidade. Relações de gênero e sexualidades e implicações na produção do conhecimento escolar. Corpo, gênero e sexualidade e materiais didáticos.</p>
III - OBJETIVOS
<p>OBJETIVO GERAL:</p> <p>Aprofundar os estudos acerca do tema gênero, corpo e sexualidade no contexto da escola, do Ensino de Ciências Naturais e Matemática e da Educação do Campo, de modo aproximar estas temáticas com o conhecimento escolar e os materiais didáticos.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Discutir sobre a importância de abordar o tema gênero, corpo e sexualidade no contexto escolar de modo geral e no contexto das escolas do campo, indígenas e quilombolas; ● Discutir o papel das Ciências da Natureza e Matemática na produção de conhecimento agroecológico, voltado à educação para igualdade de gênero e para sexualidade; ● Apreender conteúdos de Ciências da Natureza e Matemática que discutem e problematizam temas referentes ao corpo, gênero e sexualidade; ● Conhecer experiências educativas escolares para igualdade de gênero e para sexualidade; ● Analisar, de forma crítica, como os materiais didáticos e paradidáticos de Ciências da Natureza e Matemática abordam o tema corpo, gênero e sexualidade. ● Propor práticas educativas escolares que promovam a educação para sexualidade e para a igualdade de gênero no contexto da Educação do Campo.
IV - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<ul style="list-style-type: none"> ● Educação para a igualdade de gênero e para sexualidade no contexto escolar; ● Gênero, sexualidade, tecnologia social e políticas públicas de educação; ● Corpo, gênero e sexualidade nos livros e instrumentos didáticos/paradidáticos; ● Conteúdos de Ciências da Natureza e Matemática e práticas de ensino que discutem e problematizam temas referentes ao corpo, gênero e sexualidade.
V - BIBLIOGRAFIA
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>CHASSOT, Attico. A Ciência é Masculina? São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004</p> <p>LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003</p> <p>LOURO G. L. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares In: SILVA, Luiz</p>

H. Da. A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998. p 33-47.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Francisco Leal de. DO/S SEXO/S À IDENTIDADE DE GÊNERO: Como a Biologia transita neste/s caminho/s?. Revista feminismo Vol.2, N.3 Set. - Dez. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333324680_DOS_SEXOS_A_IDENTIDADE_DE_GENERO_Como_a_Biologia_transita_nestes_caminhos

BASTOS, F.; ANDRADE, M. “Ser mulher não tem a ver com dois cromossomos x”: impactos da perspectiva feminista de gênero no ensino de ciências. Diversidade e Educação, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 56–64, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6740>. Acesso em: 1 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITTO, Néli S.; SARTORI, Ari. J. Gênero na Educação: espaço para a diversidade. Florianópolis: Genus, 2004.

CARVALHO, F. A. de. Sexos, sexualidades e gêneros: uma contribuição das teorias feministas para a discussão dos limites das explicações e categorizações biológicas. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 223-242, 2020. DOI: 10.46667/renbio.v13i1.313. Disponível em: <http://sbenbio.journals.com.br/index.php/sbenbio/article/view/313>. Acesso em: 1 fev. 2021.

COSTA, Dalva de Oliveira. Educação para a sexualidade, igualdade das relações de gênero e diversidade sexual: possibilidades e limites. Saberes Docentes em Ação, v.02, n.01, novembro de 2016. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/lucasragucci/pdf/2016/11/10-EDUCA%C3%87%C3%83O-PARA-A-SEXUALIDADE-IGUALDADE-DAS-RELA%C3%87%C3%95ES-DE-G%C3%8ANERO-E-DIVERSIDADE-SEXUAL-POSSIBILIDADES-E-LIMITES.pdf>

EL-HANI, C. N. DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES: BIOLOGIA OU CULTURA?. Revista USP, [S. l.], n. 29, p. 149-160, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i29p149-160. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25665>. Acesso em: 1 fev. 2021.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

IRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo soc., São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, June 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Jan. 2021.

LIMA, Ana Cristina; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.6, n.3, p.151-172, novembro 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/38022>

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Form. Doc., Belo Horizonte, v.03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/31>.

LOURO, Guacira Lopes. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, p. 363-369, 2012. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/87/52>

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? cadernos pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200003&script=sci_abstract&tlng=pt

MARÍN, Yonier. Alexander Orozco. Repensando o corpo no ensino de ciências e biologia a partir de diálogos entre discursos decoloniais africanos e das travestis na América Latina. Educação, Cultura e Sociedade, v. 10, p. 259-275, 2020. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/3642>

MORO, Claudia C. A questão de gênero no ensino de Ciências. Chapecó: Argos, 2001.

NASCIMENTO, Alessandra M. Biologia e Sociologia: uma articulação possível no ensino do corpo. In: SANTOS, Luís H. S. dos (org.). Biologia dentro e fora da escola: meio ambiente, estudos culturais e outras questões. Porto Alegre, Mediação, 2000. p 131-144.

NEIM. Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais / Ana Alice Alcantara Costa, Alexnaldo Teixeira Iole

- Macedo Vanin, (org.)- Salvador: UFBA, 2011. 247 p. Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/wpcontent/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf Acesso em: 22/01/2021.
- PAGAN, A. O ser humano do ensino de biologia: Uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. Revista *entreideias*, v. 7, n. esp, p. 73-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/26530>
- RIBEIRO, Simone. S. ; GIRALDI, Patricia. M. ; CASSIANI, Suzani. As não ausentes: Olhar interseccional para a ecologia de saberes. Revista *Fórum Identidades*, v. 30, p. 131-150, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/13506> Acesso em 07 ago. 2020.
- REDOR. Caderno de textos gênero e trabalho" / Iole Macedo Vanin e Terezinha Gonçalves (Organizadoras). - Salvador:2006, 209 p. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/formacaotrabalhadore.pdf> Acesso em: 22/01/2021
- SAFFIOTI, Heleieth I.B.. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 16, p. 115-136, 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso>. Access on 29 Jan. 2021.
- SELLES, S. E. Lugares e culturas na disciplina escolar Biologia: examinando as práticas experimentais nos processos de ensinar e aprender. *Anais do XIV ENDIPE: Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas*. 2008. Cd-rom
- SENKEVICS, Adriano Souza ; POLIDORO, Juliano Zequini. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia*, v. 9 n. 1 (2012). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revbiologia/article/view/108728>
- VEIGA, C. G. Manifesto dos pioneiros de 1932: o direito biológico à educação e a invenção de uma nova hierarquia social. In: XAVIER, Maria do C. (org.) *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p 67-88
- WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. "Gênero, sexo, sexualidades: Categorias do debate contemporâneo". *Revista Retratos da Escola, Brasília*, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482> Acesso em: 29/01/2021

**ANEXO 5: Programa de Ensino Disciplina
EDC 1442 Sujeitos do Campo**

PROGRAMA DE ENSINO

I. IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA		
CÓDIGO - COMPONENTE CURRICULAR	ANO/FASE	CARGA HORÁRIA
EDC 1442 - Sujeitos do campo	1º ano - 1ª fase	36 horas-aula
Oferta: 334-Licenciatura em Educação do Campo		

II. EMENTA
A constituição histórica dos povos do campo no Brasil. Os sujeitos da Educação do Campo: trabalho, organização, cultura, ambiente, políticas e conflitos. Questões de gênero no campo. Modernização e culturas tradicionais. Diversidade e questões comuns.

III. OBJETIVOS
<p>OBJETIVO GERAL</p> <p>Apresentar conhecimentos técnico-científicos e metodológicos indispensáveis à compreensão da constituição histórica dos/as sujeitos/as do campo, conforme decreto 7352/2010, no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina e como se constituem e organizam na atualidade.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender os processos de construção da identidade dos/as sujeitos/as do campo, no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina. • Compreender as formas de produção da vida e trabalho dos/as diferentes sujeitos do campo, no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina. • Introduzir questões referentes a questões de gênero do campo, no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina. • Discutir e compreender a Educação do Campo no Brasil a partir dos sujeitos envolvidos. • Proporcionar Saídas/aula de Campo para aproximação de diferentes experiências, considerando a diversidade dos sujeitos do campo (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ilhéus, assentados)

IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Construção histórica do/a sujeito/a do campo e sua relação com a história do Brasil. Saídas/aula de Campo para aproximação de diferentes experiências, considerando a diversidade dos sujeitos do campo (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ilhéus, assentados)
2. A questão agrária brasileira. Agricultura familiar, agricultura camponesa e os sujeitos/as do campo, da floresta, do mar, dos rios, dentre outros.
3. Cultura, história, identidade e diversidade no campo, na floresta, no mar, nos rios, dentre outros. Especificidades catarinenses.
4. Introdução às questões de gênero e o trabalho da mulher no campo.

XI. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUTTO, A.; DANTAS, C.; HORA, K.; NOBRE, M.; FARIA, N. (org.) **Mulheres rurais e autonomia: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos territórios da cidadania**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014, 132p.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. 727p.

GRANDI, A.B. Relações de gênero em famílias agricultoras em Santa Catarina. IN:PAULILO, M.I.S. e SCHIMIDT, W.(org.) **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Edufsc, 2003.

GRAZIANO DA SILVA, J.F. **O que é Questão Agrária**. São Paulo; Brasiliense; 1984. 108 p. (Coleção primeiros passos, 18). Disponível em:
<http://www.lagea.ig.ufu.br/biblioteca/artigos/O%20Que%20e%20Questao%20Agraria%20-%20Graziano%20da%20Silva.pdf>.

HOLANDA, S.B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAULILO, M. I. S. e et.al. Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão. IN:PAULILO, M.I.S. e SCHIMIDT, W.(org.) **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis:Edufsc, 2003.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Ed. De Bolso, 1995.

STÉDILE, J.P. (org.) **A questão agrária no Brasil: o debate tradicional–1500-1960**. (Introdução) São Paulo: Expressão popular, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIANCHETTI, L. e FREIRE, I.M. (org.) **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. São Paulo: Papyrus, 1998.

BRASIL. **Decreto Nº 7.352**, de 4 de novembro de 2010. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>

CAMPOS, Nazareno José de; BRANDT, Marlon; CANCELIER, Janete Webler. **O espaço rural de Santa Catarina: novos estudos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, c2013.

207 p..

GRACINDO, R. V. (org.) Educação como exercício de diversidade: **estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais**. Vol. 2, Brasília: Líber Livro Ed., 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IANI, O. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (PP. 100-191).

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MEDEIROS, Leonilde S. (org.). **História dos Movimentos Sociais no Campo**. (Introdução) Rio de Janeiro: Fase, 1989.

SCHWARCZ, L.M. O espetáculo das raças: **cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**ANEXO 6: Programa de Ensino Disciplina
EDC 1420 Infância e Juventude no e do Campo I**

PROGRAMA DE ENSINO

I. IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA		
CÓDIGO - COMPONENTE CURRICULAR	ANO/FASE	CARGA HORÁRIA
EDC 1420 - Infância e Juventude no e do campo I	1º ano - 1ª fase	36 horas-aula
Oferta: 334-Licenciatura em Educação do Campo		

II. EMENTA

Estudos sobre a constituição do ser social: aspectos ontológicos e históricos. A constituição histórica da infância e da juventude.

III. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Compreender a constituição das categorias infância e juventude do campo sob aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais com ênfase na infância.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir as categorias etárias enquanto construções sociais, históricas, econômicas e culturais.
- Analisar as contribuições das Ciências Humanas e Sociais (Psicologia, Antropologia, História, Sociologia) nos estudos da Infância.
- Compreender as diferentes configurações e concepções de infância do campo, a partir de seus processos de luta pela terra, por direitos e pela legitimação de suas identidades étnicas e culturais.
- Discutir temas sobre a infância no e do campo na sua relação com a Escola e Trabalho.

IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade I:

1 - Introdução aos aspectos sócio-históricos, econômicos e culturais da categoria Infância

2 - Bases teóricas e metodológicas de estudos de infância, desenvolvimento e processos de aprendizagem. Contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon.

Unidade II:

3 - Infância e Educação do Campo: educação-trabalho e luta

4 - Infância e questões étnico-raciais

XI. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAMO, A. W. e BRANCO, P. P. M. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARIÈS P. História Social da Criança e da Família. 2a Ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COHN, C. Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil. In: Cadernos de Campo, no 9, São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53068>

COHN, C. Crescendo como um Xikrin. In: Revista de Antropologia, no 2, São Paulo, 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200009.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

ENGELS, Frederic. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. ed. São Paulo: Global, 1990.

FACCI, Marilda. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20092.pdf>

LEAKEY, R. A origem da espécie humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MANACORDA, Mário Alighiero. Marx: e a Pedagogia Moderna. Campinas: Editora Alínea, 2007. (pp.77-94).

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e Linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A Formação Social da Mente. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADAM, Y, et.al. Desporto e desenvolvimento Humano. Lisboa: Seara Nova, 1977.

LESSA, Sérgio. Mundo dos homens: trabalho e ser social. São Paulo: Boitempo, 2002.

(Cap.II, pp.49-68).

____. Para compreender a ontologia de Lukács. 3a ed. Ijuí: Unijui, 2007. (cap. IV, pp. 75-104).

PEREIRA, A.M.N.M. A sociedade das crianças AUWE-Xavante: por uma antropologia da criança. Mestrado, USP, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica. 14a ed. Campinas:Autores Associados, 2002.

Vídeos: Walon, Piaget, Vygotsky.

**ANEXO 7: Programa de Ensino Disciplina
EDC 1421 Infância e Juventude no e do Campo II**

PROGRAMA DE ENSINO

I. IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA		
CÓDIGO - COMPONENTE CURRICULAR	ANO/FASE	CARGA HORÁRIA
EDC 1421 - Infância e juventude no e do campo II	1º ano - 2ª fase	36 horas-aula
Oferta: 334-Licenciatura em Educação do Campo		

II. EMENTA

A vida das crianças e jovens do campo e problemas sociais: do trabalho infantil ao êxodo rural jovem. As relações intrínsecas entre educação de crianças e jovens na constituição do ser genérico.

III. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender a constituição das categorias infância e juventude do campo sob aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais com ênfase na Juventude.

Objetivos Específicos

- Analisar as contribuições das Ciências Humanas e Sociais nos estudos da Juventude do Campo.
- Compreender as diferentes configurações e concepções de Juventude do Campo, a partir de seus processos de luta pela terra, por direitos e pela legitimação de suas identidades étnicas e culturais.
- Discutir temas sobre a Juventude no e do Campo na sua relação com a Escola e o Trabalho.

IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 1- Juventude: escola, trabalho e comunidade
- 2 - Juventude do Campo: processos migratórios, relações de gênero e geração
- 3 - Juventude do Campo e relações étnico-raciais
- 4 - Juventude do Campo, movimentos sociais e agroecologia

XI. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAMO, A. W. e BRANCO, P. P. M. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARIÈS P. História Social da Criança e da Família. 2a Ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AUED, B.W. e VENDRAMINI, C.R. et.all. Trabalho Infantil na indústria e na agricultura (em Santa Catarina no contexto brasileiro). Florianópolis: Insular, 2009.

CASTRO, Elisa G. Processos de Construção da categoria juventude rural como ator político: participação, organização e identidade social. 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, 2010. Disponível em http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2010/Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf.

COHN, C. Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil. In: Cadernos de Campo, no 9, São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53068>

COHN, C. Crescendo como um Xikrin. In: Revista de Antropologia, no 2, São Paulo, 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200009.

STROPASOLAS, Valmir Luiz, O Mundo rural no horizonte dos jovens. Florianópolis: Edufsc, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AUED, B.; PAULILO, M. I. (org.) Agricultura familiar. Florianópolis, Insular, 2004. (pp. 109-132, 153-170).

ENGELS, Frederic. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. São Paulo: Global, 1990.

LESSA, Sérgio. Mundo dos homens: trabalho e ser social. São Paulo: Boitempo, 2002. (Cap.II, pp.49-68).

_____. Para compreender a ontologia de Lukács. 3aed. Ijuí: Unijui, 2007. (cap. IV, pp. 75-104). LEAKEY, R. A origem da espécie humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MANACORDA, Mário Alighiero. Marx: e a Pedagogia Moderna. Campinas: Editora Alínea, 2007. (pp.77-94).

PEREIRA, A.M.N.M. A sociedade das crianças A?UWE-Xavante: por uma

antropologia da criança. Mestrado, USP, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do Senso Comum à consciência Filosófica. 14a ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

SCHNEIDER S. AGRICULTURA E TRABALHO INFANTIL: uma apreciação crítica do estudo da OIT. Porto Alegre: FETAG, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e Linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A Formação Social da Mente. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXO 8: Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Curso de Licenciatura em Educação do Campo
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP: 88.040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através deste termo, você está sendo esclarecido(a) sobre a pesquisa para o qual está sendo convidado (a) a fazer parte, voluntariamente. Ao assinar ao final deste documento, em duas vias, (uma delas é sua) estará de acordo em participar. A participação é voluntária, podendo ser encerrada a qualquer tempo, sem prejuízo na sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição UFSC, tendo você, a liberdade de retirar o consentimento assinado.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Projeto: “*Análise descritiva e crítica da presença da temática da mulher do/no campo nos TCCs defendidos no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC*”.

RESUMO: A minha pesquisa consiste na análise descritiva e crítica da presença da temática da Mulher do/no Campo, nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. Através desta pesquisa, objetivo realizar de modo geral um estudo quantitativo e analítico das temáticas presentes nos TCCs, com ênfase nos que abordaram a temática da Mulher do/no Campo, seja de modo indireto ou diretamente. Após esse mapeamento analítico, irei problematizar as seguintes questões: a organização do currículo do curso em relação a essa temática; a relevância/impacto da temática entre o total de TCCs defendidos até o momento, os debates sobre as mulheres do campo na bibliografia de referência, o que pensam as autoras dos TCCs sobre a referida temática, bem como, a minha história como mulher que se percebe como sujeita do/no campo. A partir destas questões, a pesquisa desenvolverá um estudo analítico discutindo a Mulher do/no Campo como categoria de análise, dentro da perspectiva dos sujeitos do campo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Angelita da Conceição

Responsável: Marta Sabrina Silva.

CPF: XXX

Assinatura: Marta Sabrina da Silva

E-mail martasabrinabvtjbp@hotmail.com

IDENTIFICAÇÃO E CONSENTIMENTO DA VOLUNTÁRIA:

Nome completo: _____

Doc.de Identificação: _____

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO:

Declaro que, em ____/____/2021, concordei em participar, através de uma entrevista virtual, da pesquisa da acadêmica Marta Sabrina Silva, declarando estar devidamente informada sobre os objetivos, as finalidades do estudo e os termos de minha participação.

Assino o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, que serão assinadas também pela pesquisadora responsável pelo projeto, sendo que uma cópia se destina a mim (participante) e a outra à pesquisadora. As informações fornecidas à pesquisa serão utilizadas na exata medida dos objetivos e finalidades do projeto de pesquisa. Não receberei nenhuma remuneração e não terei qualquer despesa em função do meu consentimento espontâneo em participar do presente projeto de pesquisa. Independentemente deste consentimento, fica assegurado meu direito a retirar-me da pesquisa em qualquer momento e por qualquer motivo, sendo que para isso comunicarei minha decisão à pesquisadora do projeto acima citado.

Bela Vista do Toldo, 28 de agosto de 2021.

Assinatura da voluntária